



Maradona
Pizzaiolo

Um olhar sobre a vida a partir da lente de quem se moldou por meio dos saberes práticos

A batalha pelo sucesso, principalmente diante de vários obstáculos, é escolha que exige muito esforço e determinação. Tais qualidades parecem não faltar em Francisco Francílio de Oliveira Gonçalves, o Maradona. Veterano de guerra, é dono de uma dedicação que data de muito antes da presença sólida no palco de Fausto Silva, o Faustão, no percorrer dos últimos 17 anos. O legado de 48 anos deixa rastros batizados com muito trabalho duro, desenvoltura e gaiatice.

A simplicidade no tato se funde ao ar convidativo, e logo a conversa deslancha. Piadas, palavrões, imitações e trejeitos são camadas acolhedoras que não fazem questão em se acanhar. Logo a herança afetiva importada da Cidade Maravilhosa insiste em se exibir. A malandragem de quem é formado no Rio de Janeiro não passa batida. Não resta dúvida que os 28 anos por lá não se fizeram necessários para tal graduação, pois a vontade e a habilidade de aprender sempre foram traços marcantes da personalidade.

A essência que instiga a busca pelo novo foi guia fiel nos caminhos que trilhou. Com a simplicidade de quem não tem medo de ser aprendiz, Maradona sempre batalhou pelo seu lugar ao sol, instinto que despertou antes mesmo de se entender por gente, aos seis anos de idade, trabalhando para ajudar a família. A caminhada foi longa, árdua e recheada com muito esforço. Cada parada se fez importante, e dessas não há uma gota de arrependimento. A dedicação e o prazer pelo ofício logo se transformam em aromas, sabores, satisfação e sorrisos. Padrão de qualidade que garante aonde quer que vá.

A arte de servir foi aprendido que construiu ao longo da profissão. O tratar bem, do famoso ao anônimo, é filosofia que vira mantra no dia a dia. A aproximação, a

conversa, o humor sacana e a disposição de não perder a piada compõem não somente o feitio, mas também fazem parte da sedução que cativa, fideliza. A câmera a postos estimula, antes do *clíc*, a pose marcante: o indicador que sempre aponta para o lado, valorizando a presença do outro. Valor esse que motiva o que nenhum currículo consegue exalar, o reconhecimento pelo bom trabalho.

A qualidade de acolher é traço valoroso para esse crateuense de nascença e carioca de coração. Andarilho experiente, faz de si o próprio lar. Cada poeira que passa na sola do pé é consequência destemida de muito sentir. E muitas vezes, na maioria delas, esse sentir vem batizado por um nome feminino. Completamente apaixonado por mulheres, fez desse amor o sentido que guia os passos. O caráter vibrante não deixa os romances serem frustrados pelo “será” da falta de iniciativa. Se for preciso, atravessa o país com uma mochila nas costas e uma esperança no coração. O resto fica por conta do acaso.

A adrenalina se torna combustível necessário. O prazer em viver a intensidade das situações o projeta para circunstâncias incertas. É o passeio com emoção que vale a passagem, e logo um sorriso de menino moleque se manifesta no canto da boca só de resgatar a lembrança. E é em tudo, tudo que faz. A escolha é constante, do trivial ao inusitado. O que importa é o deleite das decisões que edificam as pequenas felicidades.

Entre tentativas, fracassos e conquistas, o que fica é uma bagagem que transborda experiências e ensinamentos de vida. Mas inspiração não pertence apenas ao extraordinário. Boas histórias perambulam aos montes, todos os dias, dentro de semblantes.

Equipe de Produção:
Alexandre Valério
Ítalo Cosme
Sâmia Martins

Entrevistadores:
Alexandre Valério
Andressa Gonçalves
Heloísa Vasconcelos
Beatriz Carvalho
Fabrício Girão
Ícaro Machado
Ítalo Cosme
Larissa Medeiros
Lorena Fonseca
Sâmia Martins
Suzana Mesquita

Texto de abertura:
Sâmia Martins

Fotografia:
Grasielly Sousa



Entrevista com Maradona em 13 de novembro de 2017

Ítalo – Maradona, a gente sabe que você trabalha desde os seis anos de idade, né, pra ajudar na renda da família. Como foi pra você ter que assumir essa responsabilidade tão cedo?

Maradona – Na realidade, não é “como foi pra mim”... É uma coisa que a gente faz forçada, né, porque o pai precisa, a gente vai se metendo a fazer as coisas e acaba ajudando, né. E a gente vai vendo a situação da gente, dos irmãos, da família que precisa. Então, buscar um dinheiro pra ajudar na renda sempre é bom, não resta dúvida, né.

Ítalo – Mas você vem de uma família grande, né, de dez pessoas...

Maradona – Sim, somos dez. Na realidade, eram dez irmãos. Com meus dois pais, 12. Mas dois morreu muito novo, né, um morreu com seis meses e pouco e o outro com um ano e três meses. Mas não foi de fome, não, dessa vez. Brincadeira.

Ítalo – Qual era a realidade financeira de vocês naquela época? Com que vocês sobreviviam? Com que seu pai trabalhava? O que sua mãe também fazia?

Maradona – O meu pai até hoje... O meu pai é funcionário federal, mas só que ganhava uma miséria, né. Vamos dizer no bom sentido: muito pouco pra sustentar uma família muito grande. Meu pai vivia viajando, ele trabalhava no DNER, né, que era o Departamento Nacional de Estradas e Rodagens, que fazia estradas, tudo isso (atual Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes – DNIT). Então, eu, quando comecei com seis anos de idade, eu ia – como eu já comentei para vocês –, eu ia para a vila dos sargentos, dos oficiais, para capinar; apanhava aquelas bagens (expressão popularmente adotada no interior do estado equivalente a vagem) de algaroba para vender, tudo isso. Eu ia pro quartel porque, quando terminava o almoço dos soldados, sargentos e oficiais, os cara sempre davam aqueles restos de comida, não restos de comida de lixo, mas a comida do *buffet*. Pronto! Quando terminava aquela comida do *buffet*, eles davam pra gente, não só eu, mas (para) outros garotos da minha cidade, mais dois ou três, e eles davam e a gente colocava a comida no balde e levava pra casa pra dividir com os irmãos. Sempre almoçava duas horas da tarde (ri), nunca cedo, né.

Alexandre – Mas você levava alguma pra casa?

Maradona – Sim! A gente pegava essa comida pra levar pra casa pra dividir com a galera, o povão lá, né. Sempre comi bem, né, mas era o do quartel, né (ri).

Fabício – O Ítalo citou que, desde muito cedo, você trabalhava já e, tendo muitos irmãos em casa, todo mundo já trabalhava também? Todo mundo ajudava?

Maradona – Nem sempre, nem todos, têm os vagabundos, né, que é os queridos da mamãe, que é o meu irmão velho, né, que era o xodó, que não podia fazer nada a não ser estudar para se formar, né. E, assim, toda família tem o irmão que é mais xodó. Na realidade, de todos lá de casa, dos três, foi o que mais se manifestou em termos de fazer as coisas. Porque era eu, o meu irmão mais velho e o do meio, né. E a gente carregava água à noite pra encher os tambores pra consumir durante a semana, durante o dia em casa e de manhã eu ia pra vila dos sargentos, tentar capinar, adubar aquelas plantas da vila dos oficiais pra ganhar um dinheiro. Sempre, né.

Lorena – E como o senhor se sentia por ter que trabalhar enquanto os outros tinham a oportunidade de estudar?

Maradona – Não, eu nunca tive esse problema, esse trauma. Hoje eu costumo dizer o seguinte, que eu odeio o colégio, odeio estudar. Meu filho cresceu e minha filha eu dizendo que eu odeio isso (estudar). Não odiar, é um modo de brincar, até. Não resta dúvida que a educação é muito importante, né, você saber as coisas. Ninguém consegue construir um avião se ele é bruto. Ele num roçado e vai fazer um avião, ele não vai. Tem que estudar para saber métodos, estatísticas, todas essas coisas, né. Mas eu sempre criei meus filhos – eu tenho um filho de 22 anos e uma menina de 15, né – e sempre falei: “O colégio é uma merda!”. Todas essas coisas, mas sempre dizendo “não pare de estudar; se não passar, eu te boto no público”. Que a gente sempre ameaça, né, que o público sempre é o cobaia do particular. Mas eu não tenho esse trauma, não.

Sâmia – Você disse que via a necessidade da família e por isso começou a fazer esses trabalhos, esses serviços. E você fala muito do quartel, né?

Francisco Francilio de Oliveira Gonçalves, 48, conhecido popularmente como Maradona, nasceu no dia 7 de março de 1969 em Crateús, sertão do Ceará. Mudou-se para o Rio de Janeiro em 1989.

Maradona ficou em sétimo lugar na votação da turma, numa lista de 18 possíveis entrevistados pela Revista. O entrevistado foi indicado pela Suzana, aluna da turma.

O entrevistado é dono da Pizzaria Cheff Maradona, localizada no empreendimento Pátio Messejana (Rua Padre Pedro de Alencar, 1791, Fortaleza). Ao redor, existem diversos restaurantes e lanchonetes.

Maradona – Isso! Do 40 BI, o 40º Batalhão de Infantaria. O 40 BI.

Sâmia – Você comentou com a gente que parou de estudar na terceira série...

Maradona – Isso! Fui reprovado seis anos na primeira.

Sâmia – Com quantos anos tu começou a estudar?

Maradona – Normal, de seis para sete anos, né, que é a idade que a gente começa a estudar lá no interior (Maradona frequentou duas instituições de ensino na cidade natal: Escola de Cidadania Olavo Bilac e EEFM Presidente Eurico Gaspar Dutra).

Sâmia – E como foi esse período para você? Porque tu já pensava em outras coisas, em trabalho e tal.

Maradona – Foi legal... Pra mim, assim, eu não tenho tanta lembrança lá da minha infância, porque a gente tem lembrança quando a gente tem coisas boas. De tra-

balho, a gente quase não tem tanta coisa (boa para lembrar). Eu tenho de trabalho, da guerra que eu tive para tentar conquistar as coisas, mas era bom a época que eu estudava. Eu só lembro que eu, quando eu estudava uma coisa que eu sempre fui bom, foi em números, né, eu costumo dizer isso para todo mundo que em números eu sou muito bom, né. Eu não sei escrever porque, assim, eu não sei onde bota acento, onde bota vírgula, eu não sei dessas porra nenhuma. Eu vou falando e escrever eu não sei muito, não. Eu como um monte de letra, né, mas falar eu sei falar bem. Isso eu sei (ri).

Ítalo – E que noção de infância tu tem pra ti? Você disse que não teve infância...

Maradona – É porque infância a gente fala... Geralmente as pessoas dizem: "Ah, o cara é revoltado porque não teve infância". É aquela coisa de brincar, de ter os amigos para jogar de futebol. Eu nunca gostei disso,

No cardápio da Pizzaria Cheff Maradona, é possível encontrar pizzas com nome de artistas como Thiaguinho, Cláudia Raia, Paola Oliveira, Ivete Sangalo, Wesley Safadão, Marcos Frota, Solange Almeida, Giba, Tom Cavalcante, André Marques, entre outros.



eu nunca... Até porque, quando você começa a trabalhar, você não tem foco pra negócio de brincar. Ou você trabalha, ou você brinca. No tempo que era pra mim brincar, eu ia tentar conseguir alguma coisa no quartel, na vila dos sargentos, entendeu? Apanhar bagem de algaroba pra vender... É isso. Então você não tem aquela infância que hoje os meus filhos tiveram. Meu filho com três anos de idade já tinha duas bicicletas e assim vai para frente. Hoje em dia só falta o menino sair de dentro da mãe com o celular na mão ou então assim que ele botar a cabeça pra fora: pronto, o teu celular tá aqui em cima da mesa, né. Que é uma coisa que inclusive essa semana, sábado a gente gravou com o Luciano Huck (apresentador de TV que desde 2000 apresenta o programa de televisão Caldeirão do Huck na Rede Globo) e a Angélica (modelo, atriz, cantora e apresentadora da Rede Globo; Huck e Angélica são casados desde 2004). Foi o Divã do Faustão (quadro do programa televisivo Domingão do Faustão, onde celebridades respondem a perguntas de pessoas anônimas de várias partes do Brasil), e justamente falaram dessas coisas, né, das crianças de hoje e o que eles têm, né, o limite que eles têm e o limite que nós tinha naquela época.

Alexandre – E aí como o senhor trabalhava nesse tempo, fazia vários serviços, o senhor ficava com algum dinheiro para você ou você entregava tudo pros seus pais?

Maradona – A gente sempre dava pro papai, a gente nunca foi de ficar com dinheiro porque a gente precisava, então não tinha como... É diferente de hoje, o meu filho ganhando x, ele me dar x e ficar com a outra metade. A gente também não tinha aquela coisa. (...) Mas quando a gente queria ir para uma festinha – lá na época chamava de tertúlia, né, era só aquela coisa do som –, e o papai dava dinheiro pra gente comprar (o ingresso) pra entrar. E quando tinha as festas na cidade no Beira Rio (casa de shows famosa na cidade à época), como eu contei para vocês que era do pai do Afiro (Afiro Marques e Maradona se conhecem desde a infância, onde não mantinham amizade, e hoje são grandes amigos que costumam reunir as famílias nos finais de semana), no Louro da Cruz, então eu ia pras festas pra ficar esperando lá fora a hora do liso (o entrevistado define como os dez minutos finais da festa, quando o clube abria os portões para as pessoas irem embora) pra entrar, né. E quando dava a hora do liso, a gente entrava e ficava dez minutos dentro da festa, né. Mas aquilo ali era uma felicidade, ficar dez minutos dentro de uma festa na época. E depois, quando terminasse a festa, a gente ia catar as

garrafas, varrer o clube pra ganhar um dinheiro. Sempre pensando em ganhar um dinheiro pra ajudar o pai, né, não só na farra, mas pensando nesse sentido de ajudar o pai pra vir a melhorar essas coisas e tudo mais.

Lorena – E quais tipos de dificuldades que vocês enfrentavam na época?

Maradona – É a dificuldade de ter as coisas... Por exemplo: eu me lembro que eu vim possuir uma bicicleta quando eu tinha quase 16 anos de idade, eu vim ter televisão na minha casa depois que eu já tinha mais de 12 anos. Essas são as dificuldades. Não foi dificuldade de passar fome, que a gente não passou. (Sâmia, coincidentemente, coloca a mão no olho, e Maradona fala “chora não, não é assim, não”; ambos riem).

Sâmia – Até que idade você permaneceu lá no batalhão?

Maradona – Até os 14 anos, mais ou menos. De 13 pra 14 anos porque foi quando, depois daí, eu fui pra rádio, né, que tem a Rádio Príncipe Imperial (que opera na frequência 1210 kHz AM) em Crateús. E lá eu ia varrer a rádio, ia puxar fio no estádio, aprendi como é que fazia a montagem da transmissão ao vivo. (...) Eu fui para a rádio descobrir, eu sempre gostei de descobrir coisas novas, fazer coisas diferentes, entendeu? É como eu te digo: eu nunca estudei, mas eu sou um cara que eu vejo as pessoas fazendo e eu faço, logo em seguida eu faço a cópia, né. Eu procuro me aprimorar... Assim foi no quartel, assim é na vida sendo garçom. Até onde eu tô hoje.

Ítalo – Tu acabou de falar uma coisa que chamou bastante atenção. Você disse que não estudou mas aprendeu vendo as pessoas fazerem. E expandindo esse conceito de escola, o que você entende, o que você imagina de escola pra você?

Maradona – Escola é tudo pra o ser humano, para ele estudar. Eu tive comentando esses dias que, assim, na minha idade, na minha época... Como eu tenho 49 e vocês são tudo garoto, eu acho que ninguém aqui tem 30 anos, né, nem o professor tem...

Robson – Eu tenho mais. (riso geral)

Maradona – Pois é, tirando o professor, nenhum de vocês tem 30 anos. Então hoje tá assim (muitos alunos em formação superior). Antigamente, eu servia para fazer tudo, o faz-tudo, como se diz. Hoje, vocês é diferente, a história de vocês. Hoje, se vocês não tiver um segmento, vocês não têm emprego em lugar nenhum. Eles não querem o cara que faça tudo. A empresa quer um cara que saiba fazer determinada coisa e que faça com perfeição. E o faz-tudo, eles acham que faz tudo meia sola, né, um pouco de cada coisa e não sabe fazer nada.

Além da pizza autoral “Cheff Maradona” (contendo molho de tomate, mussarela, calabresa, bacon, tomate e cebola), existe a seção de pizzas doces no cardápio, com os nomes KLB, Leandrinho do Basquete, Tande, Agatha Moreira e Fabiana Karla.

O primeiro contato com o pizzaiolo se deu via Instagram. Alexandre adicionou @cheffmaradona na rede social e mandou mensagem explicando a proposta. Maradona respondeu dois dias depois, mostrando boa disposição em ser entrevistado.

A pré-entrevista ocorreu no Dia de Finados, quinta-feira, 2 de novembro, na pizzaria do Maradona, por volta das 17h40. Alexandre levou seu pai, irmão e cunhada, pois estavam curiosos para conhecer o local.

“Eu nunca gostei disso (de jogar futebol)... Até porque, quando você começa a trabalhar, você não tem foco pra negócio de brincar. Ou você trabalha, ou você brinca”



Lorena – O que o senhor acha que essa troca da infância por atividades, por dizer, adultas influenciou no que o senhor... (Maradona interrompe)

Maradona – Não tenho nada a reclamar, não, porque eu descobri uma coisa muito boa de meus 16 pra 17 anos, que foi mulher, e pra mim tudo é mulher. Hoje meu foco é mulher. Eu gosto é disso.

Sâmia – Como você sempre teve essa atitude, né, de “ah, eu tô vendo aqui que a minha família está precisando e aí eu vou me meter para fazer essas coisas e tal...”

Maradona – É o curioso, né?!

Sâmia – É. Como foi que isso influenciou pro adulto que você é hoje?

Maradona – É criação, tudo é criação. As pessoas costumam falar muito, eu até debato isso muito com as pessoas, eu costumo dizer pra todo mundo que eu sou o do contra, eu nunca sou o do a favor, eu sou o cara do contra, entendeu? Em tudo que se fala eu sou o cara do contra. Fala assim: base familiar. Eu não acredito em base familiar. Isso não existe. Existe conduta, índole de cada pessoa. Eu tenho o meu irmão, eu sou um cara do bem e meu irmão pode ser um bandido. E a criação dele foi igual à minha. O meu pai não criou eu de uma maneira e ele de outra. Meu pai, quando chamava para conversar todo mundo, ele sentava todo mundo na frente dele e (dizia) “eu quero isso, isso e isso”. E

agora cada um com sua índole é que vai fazer, cada um sabe o que é bom para você. Se você acha que passar o dedo na lâmina de uma faca e cortar o dedo é gostoso, minha filha, passe os dez porque eu não passo nenhum, entendeu? É assim que funciona. Eu vou dar consultoria só de psicologia, vou quebrar com os psicólogos. (sorriso no rosto). Minha menina tá fazendo curso disso (ri), é brincadeira.

Sâmia – Ela tá se formando em Psicologia?

Maradona – Ela faz, acho que ela termina o ano que vem. Se eu não matar ela antes, brincadeira (ri).

Sâmia – (ri) E como era a sua relação com os seus irmãos?

Maradona – Sempre foi boa até hoje, né.

Sâmia – Vocês tem contato? Vocês eram assim...

Maradona – ...Muito contato não, que eu não gosto de me agarrar com irmão, não (ri). Tem contato, a gente se fala sempre, inclusive a minha irmã é sócia aqui, da Pizzaria, que a gente resolveu botar aqui junto, né, mas nossa relação é normal, como uma família que foi criada com educação, entendeu? Com modos. Eu tenho meu jeito de ser, mas eu sou assim o tempo todo. Eu falo dez coisas boas e 20 de sacanagem, que é o que eu gosto, né. Mas uma coisa que eu gosto muito é do respeito. Eu costumo até dizer: a coisa que eu tenho mais medo é que alguém diga que eu tô sendo um cara abusado, en-

Alexandre chegou primeiro, seguido pela Sâmia. Enquanto esperavam o Ítalo chegar, tiveram o primeiro contato com Maradona, que estava bastante agitado com os preparativos para receber os clientes naquela noite.

tendeu? Eu não gosto disso, eu sou um cara muito cauteloso em relação a isso.

Alexandre – E como é sua relação com seus pais?

Maradona – Boa. Só minha irmã que quer me matar porque minha irmã liga seis vezes por dia do Rio (de Janeiro) pra minha mãe, pro meu pai. Ela manda eu ligar e eu ligo uma vez no mês.

Alexandre – Mas, nessa época quando você era criança, como era a sua vivência com seu pai, com a sua mãe?

Maradona – É perfeita até hoje. Papai teve aqui esses dias. A gente vive, em relação à família, a gente vive bem. Não tem problema nenhum em relação à família, né.

Sâmia – Quais são as suas lembranças lá de Crateús?

Maradona – Minhas lembranças... Eu gosto... Eu até costumo falar: eu morei 28 anos no Rio de Janeiro, né. Eu saí com 18 anos atrás de mulher. Olha só, eu fui atrás de mulher no Rio de Janeiro (Maradona era apaixonando por uma jovem que se mudara com a família de Crateús para o Rio). Acabei ficando no Rio, morei 28 anos, construí uma família, né, e... Crateús eu gosto muito, é a cidade que eu nasci. A gente vê muita gente que às vezes sai daqui, do Ceará, e é do interior, como eu sou do interior, sou do Sertão, e as pessoas às vezes diz assim: “Cara”, tem um mês que mora no Rio, “tu é de onde?”. “Sou de Fortaleza”. Faz questão de dizer que é de Fortaleza, mas não tem coragem de dizer que é do interior. Eu não, faço questão de dizer que sou de Crateús. Hoje quem assiste televisão sabe que o Faustão é um cara que tá quase todo domingo falando de Crateús, entendeu? Inclusive eu recebi uma placa de honra ao mérito lá, eu não fiz nada, mas me deram uma placa lá em Crateús, eu fui lá e recebi, em 2015, de honra ao mérito. Acho que é por tanto representar a cidade, de sempre falar da cidade, né. Tem uma coisa muito engraçada: quando você fala muito de Crateús, os caras diz: “É cartão-zeiro!” (pessoas que fraudam cartões de banco; a prática é associada pelo imaginário



“Em tudo o que se fala, eu sou o cara do contra. Falam assim: ‘base familiar’. Eu não acredito em base familiar”

Apesar de muito ocupado, Maradona não perdeu o seu caráter solícito. Ajeitou a mesa e disse que tínhamos o tempo que fosse necessário.

Na pré-entrevista, a equipe de produção e a família do Alexandre pediram uma pizza: foi metade “Dudu Azevedo” e metade “Otaviano Costa”. Todos gostaram. Ítalo pediu outra para viagem no final.

A pizza “Dudu Azevedo” (ator e baterista membro da banda Redtrip) é composta de molho de tomate, mussarela, catupiry e lombo canadense.

popular cearense a cidades como Crateús). Teve uma safra (de fraudadores) muito grande de lá. Ainda bem que não deu tempo de eu ficar lá, né, senão eu tinha ficado no cartão também, que era mais fácil.

Sâmia – Você chegou a conhecer muitas pessoas assim, na época que você saiu de lá, que também saíram de lá pra tentar a vida em outro lugar?

Maradona – Não, assim... Eu conheço bem as pessoas da minha vivência na minha época até meus 18 anos dentro da cidade, aqueles dali eu conheço. Depois disso eu passei 20 e poucos anos fora da cidade. Então aquela garotada que tinha acabado de nascer quando eu saí com 18 anos (...) eu não sabia quem era (quando eu voltei a Crateús). Eu sei quem é (dos meus) 18 para trás, né, que são meus amigos que são adultos, né, da minha faixa etária de idade, como o Afiro; tem o Jorge (...), que é radialista lá.

Sâmia – É porque você tinha comentado que teve uma boa safra de Crateús que tá por aí pela... (Maradona interrompe)

Maradona – Tem, tem uma safra...

Sâmia – Você teve contato com elas?

Maradona – A gente tem contato com essa galera, é isso que eu tô te dizendo. A galera da minha faixa etária de idade eu tenho essa lembrança, a gente encontra não só aqui como no Rio, São Paulo, entendeu? Não depois que eu saí de Crateús. Como eu tô te falando, eu passei 28 anos fora da cidade. Então da minha idade – de 47 anos, de 48, 49, 45, 40 anos – eu conheço essa galera e me encontro no Rio, me encontro em São Paulo. A gente se fala hoje pelas redes sociais. Tem um que até enche o meu saco, filha da puta.

Ítalo – Era comum as pessoas lá de Crateús saírem e irem pra outras cidades, para outros estados? Como foi isso? Você me disse que os seus irmãos foram para o Rio também.

Maradona – É, os meus irmãos foram primeiro do que eu, né, os meus irmãos foram primeiro do que eu para o Rio e eu tava namorando uma menina que trabalhava na rádio e a mãe dela soube e não queria que eu namorasse com ela e mandou ela embora pro Rio. E eu peguei e fui atrás dela, né, eu fui atrás pra tentar ficar com ela, mas só que acabou que houve um desencontro, né. Houve um desencontro e eu acabei ficando no Rio. Já tinha os meus irmãos que moravam no Rio, e eu fiquei lá. A gente morava no Morro do Pavãozinho (o Morro Pavão-Pavãozinho é uma favela localizada na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, próximo aos bairros de Ipanema e Copacabana), meus ir-

mãos moravam no Morro do Pavãozinho, que na época lá os quartinhos que se alugava não era nem de alvenaria, era de madeira, e onde ele morava só tinha duas beliches. Era para dormir quatro pessoas e eram oito. (Já tinham) sete, e comigo oito. Então o que acontece: dormia quatro de dia e dormia quatro à noite. Você pisava no chão e o pé cobria d’água, que era de madeira no pé do morro, em cima do morro. Eu já tava com mais ou menos um mês que eu tava morando com os meus irmãos e o dono do barraco lá pediu o barraco dele. Então o meu irmão, que tava namorando com uma menina lá em cima do morro, foi morar com ela. Meu outro irmão, que é o mais velho, arranjou um amigo pra morar na Siqueira Campos (avenida localizada no bairro de Copacabana) e foi morar com ele – não podia botar três pessoas – e eu fiquei durante uma semana dormindo na rua, durante cinco dias. Eu já estava trabalhando. Eu cheguei no Rio, eu logo trabalhei e eu trabalhava no Queens Lanches, na Tijuca (bairro situado na Zona Norte do Rio, sendo considerado um dos mais tradicionais da capital fluminense). E quando largava o trabalho, duas horas da tarde, ficava rodando na Tijuca, depois ia para o Méier (bairro localizado na Zona Norte do Rio), aí ficava esperando dar dez horas pra pular a estação do trem (Estação Méier, na Rua Arquias Cordeiro, s/n) para poder dormir, que eu achava mais seguro pra dormir. Às 4h30 da manhã, eu levantava pra ir pra Tijuca de novo, pra ir trabalhar.

Suzana – E como foi esse período em que você passou dormindo lá?

Maradona – Eu só pensava em Deus. Pedia a Deus pra me tirar daquele lugar (a rua), que eu não tinha ido pra aquele lugar (Rio de Janeiro) pra ser um derrotado, era para vencer. Já que eu não tinha achado a pessoa que eu queria pra namorar e tava trabalhando, eu não tinha ido lá para ser um derrotado, eu queria ser um vencedor, entendeu? Porque geralmente o cara, se não for um cara cabeça... Porque assim, às vezes as pessoas fazem muitas coisas por impulso, entendeu? É a mesma coisa de você querer roubar, virar bandido. Você sabe as consequências que vem, então você tem que pensar pra que você não faça isso, né. Em momento algum eu pensei nisso, eu só fiquei pensando: “Meu Deus, me tira dessa, né, eu vim pra cá pra conquistar, eu vim para vencer, não vim pra perder”. E depois de uma semana, tinha meus primos que moravam na Piedade (bairro considerado de classe média situado na Zona Norte do Rio), que era logo depois do Méier, Piedade. Larguei do trabalho e fui lá visitar ele.

Já a pizza “Otaviano Costa” (apresentador de TV, ator e radialista) possui os seguintes ingredientes: molho de tomate, mussarela, linguiça apimentada e bacon.

Quando eu cheguei lá, era umas 3h30min da tarde, aí eu fiquei enrolando, conversando e jantei. Aí dava oito horas da noite, nove horas da noite e eu toda hora dizia: vou embora, né. E morava cinco primos meu com esse cara que é o Zé Ramos (José Ramos de Castro é o homem pelo qual Maradona desenvolveu posteriormente grande admiração e afirma respeitar como um pai até hoje), que ele mora no Rio até hoje. Ele hoje tá com 76 anos, 77 anos mais ou menos, acredito eu. Então o Zé Ramos pegou, me chamou no canto, devido de tanto ouvir eu falar que ia pra casa e tava ali, ele sentia que eu não queria ir embora, que eu queria arranjar era dormida ali, né. Ele me chamou e falou: "Francílio, vem aqui". Aí ele falou: "Vem cá, o que é que tá acontecendo? Conta aí pra mim". Aí eu falei: "Nada não". Aí ele falou: "Fala!". Aí foi aí que eu contei toda a história, que estava dormindo na rua por causa dessas coisas e ele mandou eu ficar ali esperando ele, que ele ia lá dentro. Eu tava lá no portão da rua com ele conversando, e ele falou pros meus primos: "Oh, quero avisar pra vocês que o Maradona vai ficar aqui, com a gente". E meus primos foram contra porque lá eles moravam num quarto pequeno também e tudo, mas o coração do cara é maior do que o quarto dele. Então ele passou a dormir no banheiro pra que eu pudesse tar dormindo junto com todo mundo lá. Meus primos ficaram uns dois meses meio estranho comigo, mas depois eles viram que... Porque, inclusive, o

meu primo mais velho, esse que tava lá, desde criança, ele era dos Balseiros (tornou-se Distrito de Balseiros, pertencente ao município cearense de Ipueiras desde 2001, abarcando as localidades Riacho da Lapa, Lapa, Bonita, Lagoa Grande, Balseiros dos Marques, Sabino e Oiticica), do interior lá de Crateús, e o meu pai ia buscar a pé os documentos dele pra ele estudar lá em Crateús naquela época. É poucas pessoas que tem gratidão pelo que se faz por elas, isso é verdade, entendeu? Poucas pessoas tem a gratidão e reconhece o que você faz por elas. Isso mesmo. Esses dias, eu tava falando com uns cara aí, que, quando eles estão querendo ir pro sucesso, eles ficam pedindo um e outro ajuda. E hoje que eles estão bem, eles caga e anda pro restante da galera que tá vindo atrás querendo conquistar o que eles tão conquistando. Isso é pra poucos. A gente só sabe quem é quem quando você dá dinheiro na mão dele, aí você sabe quem é quem.

(Todos permanecem em silêncio por poucos segundos).

Maradona – Pode falar, pode perguntar.

Lorena – Como que a sua família reagiu quando você decidiu ir para o Rio?

Maradona – O papai, na realidade, não esquentou a cabeça porque eu já tinha dois irmãos no Rio. Então, pra ele, beleza. Seria diferente se talvez não tivesse ninguém, ele teria tido uma reação contrária, né, de não deixar eu ir, não querer que eu fosse. Só isso, mais ou menos isso.

Também na pré-entrevista foi possível observar Maradona fazer brincadeiras com diversas pessoas, tanto clientes, funcionários e vizinhos do trabalho. Era comum ele elogiar a pessoa e depois olhar para a gente e xingá-las.



A conversa prévia com Maradona durou cerca de 45 minutos. Quando terminamos, ele se disse surpreso, pois imaginava que íamos ficar mais de duas horas.

Ao contrário do que parecia na TV e em entrevistas anteriores, Maradona não era tímido. Pelo contrário, mostrou ser extrovertido, brincalhão e se expressava muito, por gestos, fala e expressões faciais.



“Pedia a Deus pra me tirar daquele lugar (a rua), que eu não tinha ido pr’aquele lugar (Rio de Janeiro) pra ser um derrotado, era pra vencer”

Alexandre – Você explicou pro seu pai o motivo pelo qual tava indo pro Rio, que era por causa da garota?

Maradona – Isso eu nunca disse! Aí eu já nunca (ri), entendeu?

Lorena – E o que que o senhor dizia pra ele?

Maradona – Eu dizia que ia trabalhar no Rio, com meus irmãos. Que ia trabalhar, né, mas a cabeça tava lá: Klebia! Klebia! Klebia! Klebia...

Beatriz – E a garota, vocês chegaram a ficar?

Maradona – Não, eu não encontrei ela nessa contrapartida que eu fui para lá. Depois de uns três anos, eu encontrei o cunhado dela, que era meu amigo do Exército, era soldado do Exército, que casou com a irmã dela. É as coisas do destino, né. Conheci quando ela já tava casada, ela já tinha 22 anos mais ou menos, uma coisa assim... É com 22. Já tava até namorando, casada. E ficamos amigos normal, como qualquer outro.

Lorena – Como que o senhor se sentiu de se mudar pra outra cidade por causa dela, mas, quando chega lá, ela tá saindo com outro?

Maradona – Eu não me senti nada diferente, não. Eu achei que assim: pô, demorei,

dançou! São três anos até se encontrar alguém. É diferente de você conhecer alguém e tá vendo ela direto e não conquistar nada daquilo e entrar alguém. Isso aconteceu comigo, mas eu não vi problema nenhum porque, como eu tô dizendo, passei três anos sem ver ela, né. Acaba que você vai se distanciando no trabalho, nas coisas que vai te acontecendo, você vai tirando o foco. Se você analisar bem, é assim (Maradona exemplifica apontando para alguns dos entrevistadores): eu conheço ele como amigo, vou tendo uma amizade. Amizade profunda! Daqui a pouco começa a aparecer ele (aponta para outro), e ele (pessoa do primeiro caso) já começa a ficar de fora porque a atenção já tá para ele (pessoa do segundo caso). E assim passando pra um, pra outro, para outro e assim vai. É como você mudar de sala de aula todo ano. Todo ano que você muda não vai os mesmos alunos, vai uns e outros ficam, outros passam pra outro local e aí você vai conhecendo novos amigos diferentes.

Heloísa – Você foi pro Rio quanto tempo depois de ela se mudar? Ela sabia que você iria?

Maradona – Humm... Ela sabia porque mandou uma carta e eu disse pra ela que ia,

Quando fomos combinar o local da entrevista, Maradona indicou o Shopping Iguatemi. Explicamos que, diante da proposta da revista, tal local não seria viável. Então, ele disse que poderia ser no quarto dele ou na pizzaria.

né. Aí acabou que houve um desencontro, né, esse desencontro... Eu acho que a irmã dela, por tar apoiando a mãe, mandou o endereço errado quando botou no Correios, alguma coisa parecida, né. É, fiquei tranquilo, foi de boa, né. Foi bem... Enfim, fiquei no Rio e depois de dois anos eu vim no Ceará, né. Vim de volta, aí voltei pro Rio. Aqui no Ceará eu conheci outra menina, uma carioca, que na época eu já tava com 20 e ela tava com 16 anos. Normal, garota nova. Ela mora em Santa Isabel, no estado do Rio.

Sâmia – Depois de dois anos de Rio, você voltou pro Ceará?

Maradona – Eu vim passear.

Sâmia – Ah, pra passear!

Maradona – Passear. Férias!

Alexandre – Aí conheceu essa garota...

Maradona – Aí conheci uma carioca que veio pra tirar férias... Foi essa que eu (gajeja) namorei. Eu namorei um mês com ela aqui (no Ceará). Foi muito engraçado que eu namorei um mês com ela e parece que já estava tudo certo d’eu voltar de Crateús pra o Rio, a gente voltava de Gontijo (a Empresa Gontijo de Transportes, fundada em 1943, opera com transporte rodoviário de passageiros no território nacional), no mesmo ônibus, né, e... Acho que tinha um garoto lá, teve um cara aí, um babaca, na época, que ficou afim dela e o cara botou alguma coisa na rádio como se fosse eu pra menina. Aí acabou que ela ficou meio puta e eles vieram embora um dia antes de mim, né, pegaram o ônibus do dia anterior. Era pra gente ir numa segunda e no domingo ela foi embora e eu me perdi dela. E essa eu fui atrás, um ano atrás dela pra descobrir onde ela morava. E eu descobri. Depois de um ano... Porque assim, são as consequências da vida. Eu trabalhava num hotel, né, e eu sempre falava dessa menina: “Aí, a Cleonice, Cleonice”. Falando pra todo mundo, né. Até que um dia, já tinha um ano e pouco, eu tava trabalhando à noite – eu trabalhava de garçom, eu já era garçom – e o cara era copeiro. Aí a gente falando negócio de namorada, quem cê já pegou, não sei o quê... Aí vem sempre esses assuntos, né, porque homem sempre tem essas coisas. Aí eu falei: “Cara, eu conheci uma menina muito linda, tem 16 anos, agora tá com 17 e tô louco por ela”. “E o nome dela?”,

né, o cara (copeiro). Aí eu falei: “Cleonice”. E aí eu até contei a história da viagem, né: “Inclusive ela viajou, o irmão dela quebrou o braço, não sei o quê...”. Ele falou: “Cara, eu conheço ela”. Aí eu falei: “Mentira!”. E ele falou: “Conheço. Ela mora em Santa Isabel...”. Porque eu morava no Rio e ela morava em Santa Isabel, depois de Niterói, lá pra dentro, lá nas “brenhas”, como chama, né, aqui. E eu passei uma semana, todo dia ia no Colégio Santa Isabel porque eu entendi errado, onde é que ela estudava. Então eu passava o dia no colégio esperando ela aparecer no colégio e não era o colégio. O colégio que eu tava era esse, ela tava naquele, sabe? Aí um dia eu tava indo pro Rio de volta e eu vi ela a pé, né. Aí eu desci e falei com ela. Pô, daí eu passei a frequentar a casa dela, a gente ainda ficou um pouco, mas depois acabou o namoro, né. (Ela) tinha 17 anos já pra 18... A mãe dela sempre sacaneava, a mãe dela muito brincalhona. Eu vou falar uma coisa normal que ela sempre falava, ela dizia assim comigo – eu já tinha 20 anos –, ela dizia: “Ó, não fica pegando no peitinho da minha filha, não, ó!”. A mãe dela muito sacana, né. Cearense sabe como é que é, só fala putaria. Mas era a maneira dela brincar comigo, a Fátima. Acabou que ela conheceu o rapaz lá e ela queria sair para namorar e a mãe não deixava, aí ela dizia: “Francílio, leva a Cleonice pra mim e toma conta dela”. Quer dizer, eu ficava tomando conta dela namorando com o cara. E hoje são meus amigos até hoje, eu adoro eles. A gente passa por cada uma que...

Sâmia – Você acabou de contar duas histórias assim meio de...

Maradona – Loucuras...

Sâmia – ... Essas coisas meio de filme, que a gente vê que vai e fica procurando a pessoa...

Alexandre – Corre atrás...

Sâmia – Tu já é acostumado a fazer isso? Tu já fez isso mais vezes na tua vida?

Maradona – Eu gosto do perigo. O perigo das coisas boas, não o perigo de coisas ruins, né. Eu gosto de viver perigosamente dentro das coisas boas. Na tensão.

Sâmia – Mas tu já fez muito isso de ir atrás?

Maradona – Eu faço constantemente. Constantemente.

Explicamos que deixaremos alguns exemplares da revista com ele assim que estiverem prontas. Ele disse que só queria duas e informou que lê muito pouco. Mas aceitou a ideia de compartilhar com amigos e clientes.

“Eu gosto do perigo. O perigo das coisas boas, não o perigo de coisas ruins, né. Eu gosto de viver perigosamente dentro das coisas boas”

Ao final da pré-entrevista, houve um mal entendido no caixa: não contabilizaram o valor pago por um dos entrevistadores. Retornamos e a confusão foi rapidamente resolvida.

A pizzaria do entrevistado possui um painel na recepção com fotos de inúmeras figuras públicas e celebridades da grande mídia. Em todas, as pessoas apontam para a pizza com o indicador e estão abraçadas com Maradona.

“Esse é como se fosse um preconceito meu de não querer ter o nome do cara, né. Então, de tanto eu falar (reclamar), falar, se concretizou sendo o Maradona”

Sâmia – Constantemente... Em relação a quê?

Maradona – A tudo que eu vou fazer. Tudo que eu vou fazer. Eu vou em cima da hora, eu vou calculando o tempo, eu gosto dessas coisas. Eu gosto de calcular. Eu viajei agora essa semana pra Picos (cidade no Piauí), como eu falei para vocês. Falei pra vocês, né, depois que eu viajei, não foi?

Sâmia – Foi.

Maradona – Por exemplo: eu chegava numa cidade, aí via 160 quilômetros daqui lá pra outra cidade, né? 160 quilômetros seria o quê? 80 minutos, né? 160, é... 2h20min, não é isso? Seis, 12? É quase três horas de viagem. Aí eu dizia: “Não, agora vou botar metade”. Porque no normal as pessoas dirigindo em trânsito, principalmente na estrada, você costuma fazer um quilômetro



A reunião de pauta com a turma foi antecipada devido aos Encontros Universitários da UFC. Visto que a sala de redação estava em reforma, a reunião ocorreu na coordenação do Curso de Jornalismo.

por minuto. É o normal, a matemática é essa: um minuto, um quilômetro, né. E eu sempre digo: eu faço dois quilômetros em um minuto. Às vezes, faço mais de dois em um minuto, pela velocidade que eu ando. No dia que bater, se fudeu. Não tem escapatória. É 140, é 150. Só ando varado, entendeu? O meu carro não é possante, detalhe. Então, eu gosto de medir o tempo, os números, né. Tentar. E vou sempre nessa coisa. Exemplo: no domingo, pra ir trabalhar – como você sabe, eu trabalho no Faustão há 17 anos – geralmente é pra eu ir no sábado. A TV quer que eu vá no sábado para dormir lá. Cagueando. Eu vou no domingo de manhã. Se eu perder o voo, fudeu. Porque assim... Começando por aqui. Eu tando em Fortaleza, o último voo pra mim na sexta, no sábado, é... Eu tenho o último às 17h30min... 16h30min, chegando às 22 horas em São Paulo. Ou, se não, o primeiro às 6h25min da manhã. Aí eu sempre arrisco e vou no de 6h25min. Ficar no máximo por aqui. Eu moro do lado do aeroporto. Mas por que às vezes eu arrisco? Porque no meu caso é diferente. Eu não compro uma passagem com lugar certo, né, acento certo, confirmado. O meu assento é *standy by*. Então esse aqui é o perigo. É mais perigoso ainda para mim, entendeu? Porque, se eu chegar no aeroporto e o voo tiver lotado, eu fico. Porque eu sou um benefício. Então o benefício só vai se tiver vaga. Como eu conheço algumas pessoas de empresa aérea – são meus amigos – e me deram esse benefício, que é muito bom, graças a Deus. Eu pago pra São Paulo, ida e volta, R\$ 300,00. Quando não tenho o benefício, eu pago R\$ 800,00, R\$ 900,00, R\$ 1.000,00 pra ir, R\$ 800,00 pra voltar. Essas coisas por aí. Então benefícios ajuda muito.

Alexandre – O que foi para o senhor sair de Crateús naquela época e ir para o Rio de Janeiro, uma grande cidade? Como foi chegar numa...

Maradona – ...Grande, né?

Alexandre – (continuando a pergunta) ... das maiores cidades do país?

Maradona – Não, eu não vi muita diferença, não. Por quê? Porque... A gente fica, assim, admirado, aquela questão do ficar admirado. “Oh, é grande”, “é maior”, “é bonita”, não sei o quê. “Oh, um túnel”, passar por debaixo do chão. São essas coisas que vai, que você vê. Mas não que... Pra mim, essas coisas não rola muito. Eu não tenho muito essa coisa de... Eu costumo dizer pra você: eu não gosto de futebol, eu não gosto de praia, eu não gosto de viagem, eu não gosto de nada disso. Eu gosto de mulher. Eu gosto de mulher, sempre! Churrascaria e

mulher. Esses são os dois foco meu. O resto não me interessa. Viagem... Eu não gosto de praia. Eu vou porque tenho minha mulher nova, ela gosta. Meus filhos também. Eu tinha que levar. Porque, quando você é solteiro, você faz o que você quer. Quando você tem uma família, passa a dividir. Então, você tem que fazer o que ela gosta e tem que cortar algumas coisas que ela não gosta por conta de não gostar. É bem assim que funciona.

Italo – E Maradona... Voltando ao episódio em que você foi expulso do barraco, que vocês foram expulsos...

Maradona – ... Não é que foi expulso. O cara pediu para fazer uma construção de alvenaria. Não foi nada de expulso...

Sâmia – Mas vocês tiveram de sair de lá, né?

Maradona – Sim, o cara pediu, né, para entregarem o barraco porque ia derrubar e ia fazer de alvenaria. Já tava na época, né... 1990... já ia começar... foi onde começou no Rio os barracos de madeira a ser reconstruído de alvenaria. Porque antes era tudo de madeira.

Italo – Depois desse episódio você ficou sem casa... Como foi essa experiência de ter de ficar na rua?

Sâmia – ... Te atrapalhou no seu trabalho?

Maradona – Não, até porque no trabalho ninguém sabia...

Sâmia – Alguém sabia?

Maradona – Não soube. Essas coisas você não quer contar para ninguém. Você quer ficar no anonimato. Quanto menos pessoas souber, né, naquela hora, melhor. Porque às vezes o cara pode até achar que você tá com aquela coisa de “o coitado”, né, “o coitado”. E não é bem assim... Foi uma experiência que eu trouxe pra vida. A minha preocupação era de não me machucar, de não acontecer nada comigo. Eu nunca gostei de bebida. Eu fumei por muitos anos. Mas também... Mas isso é um aprendizado, né. São coisas que você passa. São testes para ver até onde é a sua capacidade. Você tem que ter... As pessoas ... Muitos não acreditam em Deus, nessa coisas de que Deus te testa o tempo todo. Da mesma forma que tu é testado na empresa onde tu trabalha, Deus te testa até onde que tu confia nele, onde é tua crença. Como a natureza: o cara acha que derrubar uma árvore dessa nada acontece. Lá na frente, alguma coisa acontece. A gente vê aí episódios direto da natureza se revoltando contra o ser humano por coisas que fazem. Isso é normal. Bem... Diferente...

Heloísa – Você falou que tentava meio que esconder do trabalho que tava sem trabalho, que tava sem casa. Como é que era

Hávamos combinado a entrevista para 13 de novembro, às 16 horas. Maradona ainda perguntou no dia via WhatsApp qual era a data, pois estava em dúvida se seria na terça-feira.

O professor Robson foi de carro e deu carona para Alexandre, Italo, Ícaro e Larissa. Saíram todos do Centro de Humanidades II, no Benfica. Apesar do trânsito lento, chegaram 15h15 no Pátio Messejana.

Inicialmente, ficamos esperando embaixo de um coqueiro. Um segurança ofereceu uma cadeira de plástico para a Larissa, que agradeceu muito.

para você essa questão, com os seus pertences na rua...

Maradona – ... Eu não tinha pertence! Eu tinha acabado de chegar.

Heloísa – (continua a pergunta) ...tomar banho, se arrumar...

Maradona – ... O banho, o banho eu tomava na empresa, né? Porque pertence eu não tinha. Eu tinha uma mochila com três roupas que eu levei de viagem. Tinha um mês que eu tinha chegado do Ceará no Rio de Janeiro. Um mês, um mês e pouco.

Lorena – E quando foi que sua vida deu essa guinada de você ter um lugar fixo, um emprego?

Maradona – Emprego eu já tinha, né? Como eu digo, emprego já tinha. Mesmo ficando essa semana na rua, eu já tinha emprego. Eu já saí chegando no Rio com emprego garantido, que meu irmão tinha conseguido. Foi a partir daí quando o José Ramos (primo de Maradona) me pegou e me acolheu na casa dele e eu morei durante quatro ou cinco anos, né. Depois a gente começou a se separar. Aí o Zé Ramos casou e fomos morar só nós, os primos. (Morar) só a gente que era primo mesmo, né. A gente já tava aí, já tava tudo bem, né. Passou aquela crise de dois meses, (quando) o cara meio que me rejeitando, (questionando) porque é que eu taria lá, taria lá morando com eles. Porque é complicado. É difícil, né. Só quem vive na pele sabe como é que é ruim.

Sâmia – E depois que você se saiu de lá, você foi para onde?

Maradona – Do Zé Ramos?

Sâmia – É.

Maradona – Eu saí só da casa dele, mas a gente continuou no mesmo condomínio, no casarão – lá chama de casarão, que é casarão com um monte de quarto. Porque a vida do Rio é diferente, é aqueles casarões com um monte de quarto. Aí o cara alugava quarto –, então a gente só saiu de baixo e foi morar em cima... Meus primos, né. Até o dia que casei. Fui morar, né...

Sâmia – Você fala aqui... Você fala muito do José Ramos, né?

Maradona – ...É como se fosse o meu pai.

Sâmia – Você pode falar quem é José Ramos pra você? Como você o descreveria?

Maradona – É um cara que tem coração, um cara amigo. Um cara aqui que ele vê a necessidade das pessoas. Ele pensa sempre nas pessoas para depois pensar nele. Foi o caso, como eu te falei, de quando eu fui morar lá. Aí ele passou a dormir em uma cadeira, daquelas de praia, dentro do banheiro, de noite, para poder ter um lugar para ficar pra dormir. Então, o cara pensa primeiro nos outros, ele não pensa nele. Então, é um cara

sensacional. É meu pai! Eu obedeço ele tanto... Da mesma forma que obedeço meu pai. Pelo que o cara fez, pelo que representa, é um cara sensacional. Eu tô até meio puto que eu perdi o telefone dele porque roubaram meu celular no show do Luan Santana e eu perdi o contato dele. Tô tentando buscar. Mas a gente sempre se fala. Todo mês ele me liga, eu ligo. Acabei perdendo o contato dele.

Sâmia – Lá no Rio, você passou por muitos trabalhos, né? Você passou por muitas funções também. Como foi sair desses trabalhos mais avulsos para poder começar a trabalhar em restaurante?

Maradona – Não, na realidade... Assim... Eu, quando cheguei no Rio, comecei a trabalhar em lanchonete. Eu era faxineiro, lavando banheiro, essas coisas toda. Mas sempre ligado no que o cara fazia ali, para mim aprender, para mim amanhã depois precisar e dizer: eu posso fazer, eu sei fazer. Tanto que, com menos de dois anos que tava no Rio, eu já era garçom. Porque eu fui faxineiro, fui lavador de louça, lavei banheiro. Tinha aquelas panela de fazer aquelas coisas grande – eu, muito pequeno – eu fazia entrar pra dentro para poder limpar aquela bicha com a espátula pra soltar aqueles queimado (risos). Fui copeiro, fui cumim, fui garçom, sou garçom, fui gerente. Já tive um sacolão no Rio, que é um hortifrutti, né, como eu comentei com vocês. Passei por tudo isso em pouco tempo. Trabalhei em casa como o Peixe Frito, o Satyricom (Satyricom é um restaurante especializado em culinária mediterrâneo-italiana de pescados, fundado em 1983), eu também trabalhei no Imperator (aberto em 1954 como cinema, atualmente se chama Centro Cultural João Nogueira, no bairro Méier, na Zona Norte do Rio) por quase dez anos, que era uma casa de espetáculos. Trabalhei também com o Alberico (Alberico Campana era italiano, nascido em Ascoli Piceno. Sócio do restaurante Plataforma; faleceu em 7 de agosto de 2017, aos 90 anos), que é o Plataforma (atualmente fechado), que era no Leblon. Tudo isso. Era churrascaria, era restaurante-churrascaria, casa de show, o Alberico, Plataforma...

Sâmia – Quais as dificuldades que tu passou nesses empregos?

Maradona – Não, nenhuma. Porque eu... Assim... Eu vou te dizer... Por que eu sempre fui um cara descolado. Não tá legal, eu saio. Eu acho que minha carteira é mais suja que poleiro de passarinho. Porque eu ficava três meses, seis meses. Eu aprendia e saía. Eu nunca gostei de ficar anos num lugar só. Eu aprendi aquilo ali. Porque eu vejo garçom que tem no Rio, amigo meu, que o cara tá 50

Estava muito quente nesse dia. Os alunos se abrigaram da radiação solar sob o toldo de uma lanchonete vizinha à Pizzaria Cheff Maradona, enquanto ela não abria. Robson comprou e reservou duas garrafas de água para o entrevistado.

anos dentro de uma casa. O cara só sabe servir “filé com fritas”. O cara não sabe fazer um prato, não sabe fazer nada, não sabe fazer um lanche. Então eu sempre trabalhei assim: aprendendo. Hoje eu aprendo um pouco aqui, um pouco ali, ali. E sempre as casas que eu saí – com certeza – eu faço a mesma coisa voltando, ficando. Porque eu sempre deixei uma boa imagem no termo de agilidade de trabalho, todas essas coisas. Eu nunca gostei da sacanagem, prejudicar ninguém. Nunca gostei. Eu sou chato às vezes. Quando eu quero as coisas, é pra ontem. Tenho mania dessas coisas. Porque sempre me dediquei o máximo quando vou fazer fazer alguma coisa para alguém. Sou meio filho da puta com essas coisas.

Heloísa – Sendo nordestino, no Rio de Janeiro, trabalhando como garçom, você sofreu preconceito?

Maradona – Só a menina (por quem era apaixonado) que não queria eu (risos). Eu nunca liguei para isso (preconceito contra nordestinos), isso é besteira. Eu agora tive... Eu tava na festa da minha filha de 15 anos agora... O meu irmão é um cara muito sério. Ele não brinca com ninguém. Ele só brinca com você se ele te conhecer. Ele não brinca com ninguém. Ele é meio doido, meio retardado, né? Então, o cara cismou que ele tava chamando ele (o sobrinho do Maradona) de viado. O cara (aquele que cismou) era gay. O cara era gay, tava lá com o namorado dele. E o sobrinho da minha ex-mulher é gay e ele sempre brincou, porque ele conviveu muitos anos com a gente, né, agora recente. Aí o cara se sentiu ofendido porque meu irmão tava chamando o menino de gay. Mermão! Aí quis que meio que arrumar uma confusãozinha lá. Aí eu fui lá... Eu sou meio depravado nas coisas, né. Aí cheguei lá xingando: se quiser dar o cu dele, é problema dele, não tenho nada a ver com isso. Sabe? Eu acho que o cara tem que assumir o que ele é. É uma coisa que ele não vai... Isso não é preconceito. Meu irmão não é preconceituoso, nem racista, nem nada, né. Ele só brinca com quem conhece. E ele (o cara que cismou) entendeu errado. Também eu acabei que... Eu arrumei meu barraco lá com ele lá, com eles dois (o casal gay presente na festa), e com meu filho, (expliquei) que (meu irmão) era amigo do meu filho. Aí expliquei nesse formato. Mas rolou tudo bem. Mas isso é besteira. Porque no Rio... Você chega no Rio, todo mundo já fala: “Fala, paraíba!”. No Rio é “paraíba”, em São Paulo é “baiano”. Então, eu não vejo problema nisso...

Alexandre – (interrompendo) ... Não fica incomodado com isso...

“Sou louco, tarado pela minha mulher. Mas, se pergunta no domingo se eu quero ficar com ela ou com ele (Faustão), pode ter certeza que ela perde”

Maradona – ... Eu não me incomodo com essas coisas. Eu sou de botar pilha (fala com orgulho). Eu boto pilha.

Alexandre – Mas eles sempre faziam essas brincadeiras com os nordestinos?

Maradona – Não, não! Pode me chamar de “paraíba”, de anão, de tudo. Eu não tenho problema com essas coisas. Eu não vejo... Acho que o preconceito tá com a gente, não com as outras pessoas. A partir do momento que passa a se incomodar, você que é o preconceituoso. Por que é que o nome Maradona pegou? Porque eu... Quando começaram a chamar “Maradona”, “Maradona”, eu comecei: “Maradona é o caralho!”, “Maradona é a puta que pariu!”. Porque no Rio... Eu já falo muito palavrão porque eu morei 28 anos no Rio. Tudo no Rio é palavrão. Se você for fazer uma pesquisa profunda, o carioca fala mais palavrão, coisa comum. Então, quando eu me incomodei tanto, acabou que pegou, entendeu? Esse é como se fosse um preconceito meu de não querer ter o nome do cara, né. Então, de tanto eu falar, falar, se concretizou sendo o Maradona. E hoje é isso: o Maradona que tem por aí, que não faz nada. Mentiroso! (risos)

Sâmia – Você rejeitou esse apelido no começo, né?

Maradona – Isso mesmo! É como se fosse uma discriminação, um preconceito. Se você analisar, é um preconceito meu. Por que é que não pode ser Maradona? Qual o problema, né? Então, por gerar isso, acabou que ficou e hoje tá esse Maradona. Às vezes, até as pessoas me perguntam muito: “Maradona, foi o Faustão que te deu esse nome?”. Não, que é isso?! Eu já cheguei lá sendo o Maradona. Trabalhei em *buffet*, todas essas coisas.

Sâmia – Quanto tempo você demorou para se acostumar com esse apelido... Que esse apelido pegasse?

Maradona – É... Foi menos de dois meses. Quando começou, eu trabalhava de quinta a domingo no restaurante, no Imperator.

Sâmia estava particularmente ansiosa pela chegada da Andressa, porque essa trazia o celular que aquela havia esquecido no dia anterior no Laboratório de Informática A do Centro de Humanidade 2 da UFC.

Robson e os que com ele chegaram estavam preocupados com a Lorena, que saiu ao mesmo tempo do Benfica, mas demorou para chegar.



**“Eu gosto de
mulher. Eu gosto
de mulher, sempre!
Churrascaria e
mulher. Esses são
os dois focos meus.
O resto não me
interessa”**

O aluno Dellano não pôde ir para a entrevista, pois teria que gravar uma reportagem para a disciplina de Telejornalismo I. Isso ocorreu porque a entrevista não pôde ser marcada no dia da semana reservado para a aula de Laboratório de Jornalismo Impresso.

Então... De quinta a domingo, sei lá: "Oh, Maradona! Oh, Maradona!". Vai se fuder! E acabou que... Foda-se. E aí deixei. Já ganhei até camisa de alemão com o nome de Maradona. Aqui, agora, na Copa do Mundo. Aquele cara que fez gol no Brasil, né. Tem um moreno que ele vai sempre lá no Faustão e ele vive, convive no mei deles. E ele falando de mim lá, do Maradona do Faustão: "Pô! Vou mandar uma camisa pro Maradona". E mandou pra mim uma camisa da Alemanha. Depois ele mandou uma do Barcelona, e aí eu peguei e dei pro meu filho. Aí ele mandou uma da Argentina com o nome do Maradona atrás. E também dei pro meu filho. Porque assim, né, jovem mais que vê essas coisas... Eu não sou muito chegado, e aí eu dei.

Sâmia – Qual foi a diferença da rotina sua de sair desses restaurantes e começar a trabalhar nos *buffets*?

Maradona – No *buffet*, é o seguinte: no *buffet*, você fica aguardando a pessoa te chamar, dizer que tem evento, que tem serviço. Pra você é diferente, porque você que tem um emprego fixo, que você sabe que todo dia quando acordar tem que ir pra-

quele emprego. O lance do *buffet* é isso: é que você fica naquela dependência. Tem serviço, não tem. Aí existe a máfia – tudo existe máfia! –, essa máfia dos garçons: chama mais um moço daqui até descobri alguém que é bom. Isso aconteceu comigo também. Não é diferente de ninguém. Eu, quando cheguei no *buffet* pra trabalhar, eu fui trabalhar no Citibank (multinacional estadunidense de serviços financeiros, vinculada ao Citigroup) e lá é um evento para 150 pessoas. Tinha 12 garçon para trabalhar. Esse foi muito engraçado (risos). E eu peguei e fui trabalhar. Só que não ficou 50 pessoas no evento. E 12, 13 garçons, praticamente. E tinha um *maître*, que era o Vanilson, e eu não fiz nada! E a dona do *buffet* (o *Buffet* Monique Benoliel foi criado em 1995 e continua em funcionamento na Barra da Tijuca) chegou e falou: "Aquele anãozinho"... Chamou assim mesmo! A Monique, ela é muito louca, muito piroca da ideia, contratou o cara, ele não sabe fazer nada (como havia muitos garçons, Maradona não pôde mostrar sua competência)... Aí ele: "Monique, o Maradona, o cara tá começando aí. O cara não teve

"Não gosto de elogio de ninguém para dizer que eu sou bom no que eu faço, porque eu sei da minha capacidade. O bom não gosta disso"



Enquanto esperavam o início da entrevista, muitos colegas comentaram a semelhança no tom das roupas de Robson e Sâmia, mas os dois não deram muita atenção.



Ao chegar na pizzaria, Maradona explicou para a equipe de produção que estava “de mau humor” naquele dia, pois havia dormido mal. Ainda assim, além da pressa natural dele, não foi grosseiro com ninguém.

“Quem tem dinheiro não gosta das pessoas, eles gostam de profissionais, porque a maioria das pessoas que se encostam neles é interesseira”

chance. Dá uma chance pra ele”. Isso era próximo do Carnaval, né, e foi muito engraçado, né. Aí: “Ah! Não sei o quê! Não quero!”. “Pô! Deixa”. O Vanilson é um cara que tenho muito respeito, eu gosto muito dele. É um profissional. Na área de garçom, pra mim, no Rio de Janeiro, é o cara que dou mais valor, é o Vanilson. Porque é um cara ser humano, é um cara que dá oportunidade. Não só pra mim. Ele deu para muita gente; eu vi, né. Nós tava na semana do Carnaval. Aí, na semana do Carnaval, você trabalha a semana toda, né. Além de você trabalhar segunda, terça, quarta, quinta, sexta. Aí sábado, domingo que tem, né, e as segunda. Você trabalha dez dias direto. E um cara lá alugou um camarote. Um cara lá, pica das galáxias, que era bicheiro (bicheiro é quem controla o Jogo do Bicho, prática de apostas proibida no Brasil). E pediu para deixar um garçom lá direto, durante 12 dias lá. Aí o Vanilson disse que ia botar eu pra lá. Aí ela (Monique) disse: “Você é louco! Botar o cara... Você nem conhece o cara. Trabalhou um dia e não fez nada!”. (Vanilson responde:) “Deixa o cara trabalhar”. Aí eu fui. Trabalhei o pri-

meiro dia. No segundo dia de manhã, quando o cara (o bicheiro) chegou, ele mandou chamar a dona do *buffet*. Ele chegou pro Vanilson: “Vanilson, você chama a Monique que eu quero conversar com ela”. Ela tinha dito pra ele que eu ia fazer dois (dias) e depois ia mandar um outro garçom pra ficar os outros dez dias lá com ele. Aí ele chegou pra Monique e o cara falou: “Oh, de hoje em diante, eu quero só o Maradona. Não quero ninguém dentro do meu camarote. Só o Maradona. Ele é foda. O cara é bom. O cara é inteligente, é rápido. Ele parece que adivinha o que a gente tá precisando”. Entendeu? Então, era um camarote pra dez pessoas. Então, eu fiquei tomando conta dessas dez pessoas lá durante esses dias todo. Os cara só chegava até a porta. Da porta pra dentro, só entrava eu. Eu e o Vanilson, que era o gerente dela. E (esse fato) mostrou pra ela (Monique) que eu era tudo que ela achou ao contrário, né. Então, todos os eventos no Rio que o *Buffet* Monique trabalhava, eu era sempre o número um. Eu trabalhava com o noivo. Eu trabalhava com o dono do evento. Eu trabalhava com o governador.

Maradona estava vestido com uma bermuda simples, camisa e chinelo. Estava quase da mesma maneira que na pré-entrevista.

Na proposta inicial, a entrevista seria na entrada da pizzeria do Maradona. Mas, por conta do sol, a equipe de produção indicou um espaço no condomínio que ficava por trás, onde mora uma amiga do Ítalo. Entretanto, o pizzaiolo preferiu ficar perto do trabalho mesmo.



Eu trabalhava com o prefeito. Todos os eventos dela, eu era o cara de frente, de dar atenção, né, em primeiro lugar. Eu trabalhei em outros *buffets*, como o Garcia & Rodrigues. Trabalhei na Flávia Quaresma (chef de cozinha brasileira eleita em 2005 como “Mulher mais influente do Brasil” na categoria gastronomia pela revista *Forbes*). Em muitos *buffets* eu trabalhei. E sempre – graças a Deus – porque eu já tava meio no mercado, então eu sempre era um cara que eu era o de frente, pra tomar conta do noivo, dessas coisas todas aí. Era o cara de frente. Ficava só com o presidente, com o presidente da empresa, com o presidente não sei de onde. Muito bom.

Sâmia – E como foi lidar com as tuas finanças? Porque tu teve muitos trabalhos. Por exemplo, lá em Crateús, o teu trabalho era dedicado pra ajudar a tua família. Como foi lidar com as tuas finanças chegando lá, no Rio de Janeiro?

Maradona – Eu já tinha casado, né. Depois de dois, três anos que eu tava no Rio (1991 ou 1992), eu casei. Aí quem toma conta é mulher. Eu não ligo pra dinheiro.

Ítalo – Esse era seu primeiro casamento, né?

Maradona – Esse foi o primeiro, de 20 anos (de duração).

Ítalo – E ela tomava conta como?

Maradona – Dinheiro todo na conta dela! Porque eu usava o cartão dela. Nunca gostei dessas coisas, montante de banco, dessas coisas.

Ítalo – Como era sua relação com ela?

Maradona – Maravilhosa! Até o dia que eu saí de casa, que eu conheci minha outra mulher, me apaixonei, não aguentei ficar dentro de casa e pedi pra sair. Mas até o dia de eu sair, perfeito o casamento.

Alexandre – Quando foi que isso aconteceu?

Maradona – 2012. (Há) cinco anos. 2012.

Lorena – O senhor tinha vontade de ser pai?

Maradona – Eu nunca pensei nisso. Sempre gostei de mulher. Filho, não. Nunca pensei nisso. Mas, se é para ter, vamo ter. Não tenho problema com essas coisas. Ham... Se eu disser que “Ah!”. Não. Eu sou descolado dessas coisas. Sou meio que grosso. Assim, eu adoro meus filhos, tudo. Mas eu gosto dos meus filhos até onde tá certo. Começou a fazer errado, começo a desgostar também. Não tem essa, não. Eu não sou preso a essas coisas. Eu sempre fui assim.

Ícaro – O senhor passou muito tempo no Rio, né?

Maradona – 28 anos (na verdade, foram 23 anos, se contar de 1988 a 2012).

Ícaro – A cultura do Rio...

Maradona – ... Falar palavrão: vai se fuder, vai tomar no cu, vai pra puta que pariu, vai pro caralho. Eu adoro falar isso, eu amo.

Ícaro – (Retoma a pergunta) ... O Carnaval é muito forte, é muito marcante. Tem alguma história interessante para contar nesse seu percurso?

Maradona – Não. Só esse do Carnaval, que eu fiquei na Sapucaí lá, durante 12 dias, né, tomando conta do camarote do cara lá

Ficamos nos fundos da pizzeria. Maradona trouxe cadeiras de plástico e nós as dispomos em círculo. Utilizamos um isopor que havia perto de uma lixeira para colocar os gravadores de áudio.

que tinha contratado. Eu nunca gostei de farra. Eu sempre gostei de tar sozinho. Sempre fui chegado pra ficar dentro de casa. Porque tendo o que comer, beber e dormir, eu tô ótimo, eu tô realizado. Eu não tenho essas besteiras: “Ai, eu adoro...”. Não. Eu não curto isso. Nunca gostei e não é hoje que vou gostar. A minha mulher sabe. Eu saio com ela porque ela gosta. Eu faço o máximo pra fingir que tô amando aquilo ali. Mas ela sabe que eu não gosto. Ela sabe que eu estou por ela, por respeito a ela, por ela gostar. Se depender de mim, eu vivo trancado dentro do quarto.

Ícaro – Você se considera uma pessoa meio reservada?

Maradona – (demora um pouco). Eu considero. Por mais que seja sacana, eu sou meio reservado.

Ícaro – Mas tu trabalha com pessoas diretamente...

Maradona – ... E falo putaria o tempo inteiro. Adoro.

Ícaro – Mas... É... Existe um personagem ou é você?

Maradona – Eu sou eu o tempo todo. Eu sou eu o tempo todo. Eu acabei de chegar e disse pra vocês: “Eu tô mal humorado porque eu dormi meio mal”. Quer dizer, eu tenho hábitos. Eu sempre que termino de comer, durmo. Eu durmo muito pouco e eu gosto de acordar sozinho. Minha mulher que me chamou: “Bora, amor”. Então, já acordo irritado com aquilo, entendeu? Não, nada contra ninguém, mas tenho minha maneira de ser, né. Eu sou eu o tempo todo, né. A única diferença (é) que eu paro mais as brincadeiras. Os cara até fala... Os próprios clientes falam aqui: “Maradona, você lá no Faustão, do lado do Faustão, é tímido, é sério, mas aqui você é um cara sensacional, é sacana, fala palavrão, tudo”. É o meu jeito. Porque lá eu trabalho. Eu tenho que respeitar o cara que eu trabalho pra ele. E se não houver esse respeito, eu não trabalho. É uma putaria. Então, respeito. É como você ter de respeitar o teu professor dentro da sala de aula. Ele lá fora, ele pode passar a mão na tua bunda e tu na dele, mas lá dentro ele é teu professor. Tem que respeitar ele como o líder da sala.

Ícaro – E o seu trabalho no Faustão... Como é que funciona? É ao vivo o programa, né?...

Maradona – É.

Ícaro – Você chega, faz o programa direto e vai embora? Eles te dão algum direcionamento, alguma coisa?...

Maradona – (interrompe) ... Ninguém manda em mim. Eu entro e saio lá, ninguém dá notícia. Só o Fausto. É ele, eu trabalho direto. Eu sou funcionário da Globo, mas eu

trabalho pro Faustão. Eu não sou o garçom do Domingão do Faustão (programa de auditório dominical da Rede Globo. Ele está no ar desde 1989, sendo um dos mais antigos da emissora), eu sou o garçom do Faustão. Entendeu? É diferente. Porque o garçom do Domingão do Faustão, ele teria de fazer tudo pra todo mundo lá. Eu não faço pra todo mundo. Eu faço pra ele. Eu fico à disposição dele o tempo todo. Isso é coisa dita por ele quando cheguei lá pra trabalhar com ele logo no início.

Sâmia – E você disse que é funcionário da Globo. A sua carteira é assinada?

Maradona – Sim, funcionário da Globo.

Sâmia – Todos esses 17 anos?

Maradona – Não, porque eu era extra (...). Eu costumo dizer pra todo mundo: eu tô há 17 anos no Faustão, profissionalismo e respeito. Se não tiver isso com ele, não trabalha. Porque ele é um cara muito correto, muito rígido. E, assim, tu erra com ele uma vez; a segunda, tu já não tá mais com ele, entendeu? E tá certo ele. Quer que se foda. Eu tenho dinheiro. Se eu tenho dinheiro e tu serve? Beleza, irmão, continua. Ah, tu não serve? Vai! Vem o outro. É assim que funciona a vida. Eu concordo com ele de dar uma segunda chance. Se tu vacilou uma vez, porque ele vai te dar uma terceira? Se tu já errou uma, ele deixou pra ver como é e tu errou a segunda, pronto! Tu vai errar três, quatro, cinco, seis vezes. Normal.

Sâmia – Como é que você vê esses 17 anos de trabalho junto com o Faustão?

Maradona – Eu adoro! Eu adoro. Eu digo pra todo mundo o seguinte: eu sou louco, apaixonado, tarado pela minha mulher. Mas, se pergunta no domingo se eu quero ficar com ela ou com ele, pode ter certeza que ela perde. Ela perde. Eu gosto da pessoa do Faustão e eu não tenho um trabalho... E o trabalho da TV Globo eu não tenho como trabalho. É meu lazer. Ali é meu lazer. Ali é a minha tara. Tá lá. Porque lá eu fico solto. Eu falo o que eu quero, todas essas coisas. Falo sacanagem. Falo essas coisas. Eu zoo com todo mundo. Essa semana mesmo mandaram dez da produção embora. Aí eu digo pra todo mundo: “Vá lá. Estão na lista. Vão se fuder vocês tudim”. Digo na frente de todo mundo. Os cara ficam tudo com medo. Aí os cara: “Ah, porque tu tem um restaurante, tu fala isso” (Maradona fala arremedando outra pessoa). Que se foda o negócio de restaurante! Eu gosto é de mulher, porra. “Toma cuidado. Você tá na lista, hein? Toma cuidado”. Tem a hora de brincar. Meu jeito de ser é esse.

Larissa – Maradona, antes de você estar no palco, com o Faustão, você estava traba-

O local consistia em um enorme corredor, com cerca de seis metros de largura. Parte dele era concretado, mas a maioria era de chão batido. Havia muitos coqueiros também.

Durante a entrevista, vários funcionários – tanto da Pizzaria Cheff Maradona quanto dos estabelecimentos vizinhos – transitavam ao redor de onde a equipe e o entrevistado estavam sentados. Alguns conversavam alto ou atendiavam a telefonemas.

Havia muito ruído no local. O barulho dos ar-condicionados e dos pratos nas cozinhas fizeram-se presentes ao longo de toda a entrevista. Não era muito alto, mas atrapalhava às vezes.

lhando na casa dele. Como foi que você conseguiu chegar a esse emprego de trabalhar na casa dele?

Maradona – Não. Ele que me convidou! Porque, na realidade, era a seguinte: o *buffet* que eu trabalhava, da Monique, como eu disse anteriormente, a coisa deu... (Eu era) o garçom que ela não queria. Depois eu conquistei isso com meu trabalho. Eu não puxo saco de ninguém. Quero que se foda todo mundo. Eu sou bom. Eu costumo dizer assim: o Faustão é bom como apresentador, você como fotógrafo e eu como garçom, muito obrigado. Não gosto de elogio de ninguém pra dizer que eu sou bom no que eu faço, porque eu sei da minha capacidade. O bom não gosta disso. O cara que é bom não gosta de elogios. Quem gosta de iludir é aquele que não sabe porra nenhuma, que quer que as pessoas digam que ele é bom sem ele ser. Eu sou um cara prático. Eu procuro ser o quanto mais prático para as pessoas. Eu tenho um funcionário aqui que é o seguinte, que eu digo... Ele entrou aqui e algumas pessoas pediram para (ele) ser mandado embora, né. Porque o cara é um cara sério, não sei o quê. Eu cheguei para ele falei: “Olha, você tem que ser assim, desse jeito e desse. Se você não for, eu te mando embora. Você tem de ser sacana com os cliente aqui. Você tem que chegar aqui, entrar dentro da cabeça dele e dizer assim: ele quer comer a pizza de margherita, ele vai comer (pizza) portuguesa. Faça ele mudar de ideia. Porque a qualidade que ele vai ter é garantida. Então, pode fazer o cliente mudar pra qualquer pizza, porque todas são satisfatórias para o paladar, de qualidade. Então a ideia do garçom nosso daqui é essa: é mudar a cabeça do cliente, fazer com que ele se sinta seguro. “Nossa! O cara tá me oferecendo, é porque é boa!”. É diferente de outros lugares que o cara chega: “Vai filé com frita?”. É o garçom que fica por 30 anos numa casa. É aquele que chega: “Vai o filézinho com frita?”. Só tem aquele, só sabe vender aquilo.

Larissa – Mas como foi que você conseguiu? Alguém te indicou? Como você conseguiu chegar até o Faustão?

Maradona – Pois é. Então, na realidade, o seguinte: eu tava em casa num domingo, trabalhando com a Monique. Cheguei domingo, 7 horas da manhã. Aí ligaram lá da TV Globo pra Monique pedindo que fosse um garçom... Que fosse servir o Faustão, porque o garçom dele tinha faltado. Eles acharam que eu servia. Se enganaram, né (ironiza). Eu tô lá há 17 anos, né. Depois de um mês que eu tava com ele, ele me perguntou... Na verdade, a Ana Paula (produtora do Domingão do Faustão) chegou

para mim e falou: “Maradona, você vai ficar só hoje, porque domingo que vem o garçom vai voltar...”. E eu falei: “Beleza!” E, no final do programa, ela me chamou e disse que é porque ela tava errada, que ela ia primeiro perguntar pro Fausto, o que que achou do meu trabalho, né. E aí terça-feira me daria uma resposta concreta... Desculpa, completa, né? Aí quando foi na terça-feira, 11 horas, ela me ligou dizendo que o Fausto tinha me perguntado se eu tinha disponibilidade de trabalhar com ele aos domingos. E eu disse que sim. Logo depois de um mês que eu tava trabalhando com ele, ele me chamou e falou pra mim: “Maradona, vou te levar lá para casa para ajudar o Pedrão (Pedro dos Santos Almeida)”. Pedro é o mordomo dele, que trabalha há 25 anos com ele. É o cara que me ajudou. Sou muito grato ao Pedro. Eu trabalhava de garçom e o Pedro chegou para mim depois de uns seis, sete, oito meses que a gente... Eu já tava lá com ele. Eu ficava de segunda a sábado na casa do Fausto com ele. Ele dizia para mim: “Maradona, monta um *buffet*”. (Maradona respondeu:) “Não posso. Não tenho dinheiro. Como é que vou montar um *buffet*?” Aí ele falou: “Não! Deixa que eu vou te ajudar”. Aí ele me ajudou. Conseguiu um forno para mim. E a Patrícia, que trabalhava na produção do Fausto, conseguiu os equipamentos, que foi louça, para mim poder colocar os ingredientes. Foi onde eu comecei o *Buffet Maradona*.

Andressa – Você já recebeu proposta de outros artistas para trabalhar com eles?

Maradona – Não. E nem vou. Assim... Você fala em programa (de televisão)?

Andressa – Trabalhar como na casa do Faustão, por exemplo...

Maradona – Não, eu faço evento na casa deles. Eu tenho no Rio de Janeiro o *Buffet Maradona*, que faz nas casas dos artistas, todos. Faço pizza, jantares, essas coisas toda, né. Eu tenho o *Buffet Maradona* e tenho em Nova Iguaçu (RJ) a padaria *Só Vitória*, que foi construída na época que eu tava no Rio.

Andressa – Por exemplo, (se) um artista tipo a Angélica chamasse você...

Maradona – Eu trabalhei com a Angélica (Angélica Ksyvickis Huck, 43 anos, é uma modelo, atriz, cantora e apresentadora brasileira) na época do Fama. Na época do Fama (Fama é um programa musical exibido pela Rede Globo entre 27 de abril de 2002 e 17 de setembro de 2005), o diretor do programa do Domingão do Faustão era, era o... Tinha saído o Gleiser, Luiz Gleiser (diretor de Núcleo da TV Globo, que começou a trabalhar na emissora em setembro de 1998), e

A previsão do tempo marcava um calor de 31 graus naquela tarde, segundo AccurWeather. Mas o local da entrevista era relativamente ventilado.

tinha entrado o Maurício Sherman (Maurício Sherman Nizenbaum é um diretor de televisão brasileiro e um dos mais conhecidos nomes do *showbusiness*). Aí, quando entrou o Fama, o Maurício... O Maurício, o Maurício Sherman... Ai, meu Deus. Aí o diretor do Fama me chamou, o Gleiser, Luiz Gleiser, falou: "Maradona, eu quero que você venha trabalhar aos sábados com a Angélica". Que era ela – a Angélica – e o Tony Garrido (Antônio Bento da Silva Filho é um cantor, compositor, apresentador de TV e ator brasileiro) no Fama. Foi onde fiquei com ela durante o Fama I e o Bis. É... Eu trabalhei com ele. Então lá eu conheci o Thiaguinho (Thiago André Barbosa é um cantor, compositor e apresentador brasileiro). O Thiaguinho agora é um grande amigo meu, particular. A gente se dá muito bem. Dei muita moral para ele, né, lá no Rio, na época do Fama. E quando entrou o Bis II, o Fama II, que foi já coordenado diretamente por Boninho (José Bonifácio Brasil de Oliveira, 56 anos, é um diretor de televisão brasileiro), que mudou o formato totalmente. Eu peguei e saí. Já não quis ficar com ele. Mas eu trabalhei dois anos com a Angélica no programa, o Fama.

Sâmia – Maradona, você falou que faz serviço para os famosos lá no Rio. Mas você faz mais para os atores da Globo ou tem outros atores, pessoas famosas? Que tipo de pessoas...

Maradona – (interrompe) ... Famoso só tem da Globo! Não adianta. Só conheço da Globo (risos do grupo inteiro). Passa algum artista da Record (fundada em 1953, a TV

Record mantém há anos a segunda colocação na audiência da TV aberta no Brasil, estando atrás da Rede Globo), eu não sei nem quem é. Tava do lado do Golias lá... (risos). (José Ronald Golias foi um comediante brasileiro que integrou o elenco fixo do programa de humor *A Praça é Nossa*, no SBT, de junho de 1990 até 2005, quando faleceu). Tava lá do lado do Golias outro dia no aeroporto e não sabia nem quem era ele. Pessoal dizia: "É o Golias!" Mas é verdade. Não adianta... (risos)

Ítalo – Qual a sua relação com esses famosos?

Maradona – Ótima! Tenho o WhatsApp da maioria deles aqui. Eu falo com eles. Eu tenho os vídeos da pizzaria aqui. Eu ligo para eles. Eu mando um *zap* aqui. Mando tudo, né. Hoje, aqui, na *Pizzaria Cheff Maradona*, eu tenho mais ou menos cem artistas famosos falando da pizzaria. Ninguém tem isso

"A maioria ali não é amigo do seu Fausto, gosta dele porque tem dinheiro e querem se aproveitar de alguma forma. Nós não, eu gosto dele, da pessoa"

A equipe de produção tentou entrevistar a esposa do Maradona na pré-entrevista. Ela, porém, não atendeu nossas ligações. Depois de algumas tentativas, desistimos para evitar algum constrangimento.



Havia um forte cheiro de comida, tanto de pizza como de coxinha e outras massas. Depois da entrevista, alguns da turma reclamaram da fome que sentiram por conta desse fator.

Maradona costuma mudar de assunto repentinamente. Dentro de um discurso, ele emenda com uma ou outra história. Também ele tem o hábito de inserir discursos diretos de personagens envolvidos em suas narrativas.

“Principalmente na minha profissão de garçom, eu acredito que, de cada dez (pessoas), cinco ou seis não gostam do Maradona do Faustão, (só gostam) por eu ser o Maradona do Faustão”

aqui, no Brasil. Nem pagando, nem de graça. Eu tenho. Que é falando da pizzaria.

Alexandre – E falando nessa questão da pizza e que você trabalhou na casa do Faustão, uma pessoa que lhe ajudou foi o Mario Tacconi (maestro *pizzaiolo* e *chef* de cozinha, nascido em Florença, Itália), né? Como foi isso?

Maradona – Eu aprendi... Na verdade, o Mario Tacconi não me ajudou, ele me ensinou. Quem me ajudou foi o Pedro. O Pedro que era o *chef*. O Mario Tacconi era o *pizzaiolo* que vinha na casa do Fausto. E eu aprendi com ele. Ele me deu uns toque e eu aprimorei até mais do que ele. O Mario Tacconi é pica das galáxias. Ele é *chef* de cozinha italiano dos bons, dos bons.

Lorena – O senhor disse que o senhor não se apegava muito a uma atividade, que o senhor sempre aprendia e mudava...

Maradona – Sim.

Lorena – E o que é que te fez ficar atraído pela cozinha, pelo cozinhar?

Maradona – Não, porque assim... Porque eu montei o *buffet*, né. Eu montei o *buffet*. Então, eu tenho meu cozinheiro, que é o Marcelo. Ele é gay, né. Nós somos gays, eu e ele. Então, o bicho é grande pra caralho. Ele me chama “bicha anã”, ele me chama de “bicha anã”, né. Pelo tempo de trabalho que a gente tem, de intimidade, e eu levo ele para Angra dos Reis. No próprio Rio de Janeiro, eu faço trabalho com ele. E quando a gente tá junto cozinhando, é uma confusão eu e ele, né. Que ele diz: “Sai, bicha, tu me chamou pra que, então? Pra eu ficar sendo a tua faxineira?”. É muito engraçado. (Maradona começa a responder a pergunta da Lorena:) É bom, né. É o ramo da culinária, que você aprende um pouco de cada coisa. Eu acho que um dos melhores prazeres que têm de trabalho é fazer comida. Eu como sem fome, o tempo todo. Não precisa tar com fome pra comer. Só precisa ser boa. Se eu ver que é boa... Sou chato com comida, com água e café. Nossa Senhora! Minha mulher até às vezes briga comigo, mas é meu jeito de ser mesmo.

Sâmia – E você comentou que no *buffet* você ainda era o garçom número 1. Como era a relação que o senhor tinha com a Ana

Paula? O senhor já trabalhava antes com Ana Paula?

Maradona – Ana Paula era gerente de produção do Fausto.

Sâmia – E como era a tua relação com seus chefes? Você já serviu ao U2 (banda irlandesa de rock criada em 1976 e composta por Bono, The Edge, Adam Clayton e Larry Mullen Jr.) e ao Ricky Martin (cantor, compositor e ator porto-riquenho nascido em 1971). Como era sua relação com eles?

Maradona – Com o Ricky Martin, não teve muita relação. Eu fiz lá o trabalho com ele normal. O Ricky Martin é a bicha estrela (o cantor se assumiu homossexual em março de 2010), né? Na época até namorava (risos) o segurança dele. Eu sempre zuei essas coisas. E o Ricky Martin eu fiz lá no Projac (complexo de estúdios da Rede Globo, localizado entre os bairros de Jacarepaguá e de Curicica, na Zona Oeste do Rio de Janeiro). Fui fazer camarim para ele e o U2. Eu tava em casa e foram fazer uma matéria para o Fantástico (programa dominical da Rede Globo). E, como eu tinha credibilidade por ser o cara do Faustão, me chamaram para dar conta do U2, depois da gravação do Fantástico, lá no *Copacabana Palace*. Porque tava tendo uma festa e fizeram um reservado para eles ficarem só tomando caipivodka (versão da tradicional caipirinha), essas coisas. Então eu fui lá para ficar tomando conta deles e servindo essas caipivodka para eles. Deram até um perfume francês para eles. O Bono (vocalista do U2) mandou eu levar. Eu não falo francês, nem nada, não. Eu só sei “tu rai, tu rem” (brinca com a pronúncia da língua estrangeira), essas coisas assim que eu sei.

Italo – Tu falou sobre esses famosos, sobre esses vídeos que te enviam pelo WhatsApp para postar no Instagram. Como é essa relação de troca de favores que você tem com eles?

Maradona – É assim... Porque eu trabalho para o cara que é o top da televisão. Você imagina você chegando aqui, na pizzaria. Você é um cliente. Imagina você chegando sendo amigo do dono? Você chega com outra (moral, imagem)... Né? Não que você seja melhor do que o outro cliente, não resta

Em nenhum momento Maradona citou o nome da primeira esposa dele. Na pré-entrevista, não falou nada desse casamento, exceto que teve dois filhos. Porém, falou um pouco sobre esse relacionamento na entrevista em grupo.

dúvidas. Mas a chegada é diferente. Então, eu tenho consciência disso. Os caras são muito meus amigos porque eu trabalho para o Faustão. A partir do momento em que eu sair, com certeza, de 100, 90 se afastam. É o mundo do interesse. As pessoas são interessadas em alguma coisa, a pedir. E o que mais tem é artista pedindo, por favor, para dar recado para o Fausto. Famosos como Zezé (da dupla sertaneja Zezé di Camargo e Luciano), todos eles são meus amigos. O próprio Zezé está em processo de fazer um disco de ouro para mim, para me homenagear, porque eu ajudei muito ele. Essas coisas, por aí vai. Mas é troca, todo mundo troca. Essa coisa de favor, pede. As pessoas chegam aqui na pizzaria e falam: “Por que essa ideia de botar nome de artista?”. Isso não é ideia, é coisa pedida por eles. As pessoas: “Ah, é mesmo?”. E, para tirar a dúvida das pessoas, eu acabo mostrando vídeos. Os caras falando da pizza, falando da pizza dele, que é para mostrar que, realmente, ali não há nada inventado. Eu não gosto dessas coisas. Porque a mentira tem perna curta, como dizem. Então, tudo isso aqui é autorizado. Eu tenho o nome de artistas nas pizzas, eu tenho autógrafos dos artistas, que eu penso, no próximo ano, colocar o autógrafo nos adesivos, para adesivar a mesa. E os caras dizerem “ih, olha o autógrafo aqui do Emerson Fittipaldi (ex-automobilista e empresário), o do fulano...”, essas coisas todas por aí.

Alexandre – E eles cedem a marca deles?

Maradona – Eles não têm marcas. Eles são os artistas. A imagem de usar, explorar a imagem deles. E como eu tenho um painel aí, eu acho que você já viu (refere-se a um mural de fotografias fixado em sua pizzaria em Fortaleza, em que artistas da Rede Globo posam ao lado do *pizzaíolo*). No meio do sol quente. Mas depois vocês olham lá, e tem fotos. Deixa eu ver aqui. Mas pode ir perguntando também. Então, é tipo assim, deixa eu mostrar uma aqui. Vamos botar aqui o Gustavo Lima (cantor e compositor da música sertaneja). Aqui, ó, no WhatsApp dele. Eu peguei e “oh, Gustavo”. Olha a gente conversando, sempre no WhatsApp aqui, conversando. Pedi para ele mandar o vídeo para mim (mostra o vídeo do cantor no celular). Entendeu? Quem é que tem isso aqui? Um dos caras mais difíceis para fazer algo para alguém, porque ele não gosta de fazer nada para ninguém. Mas o cara é meu amigo. Gosta, se amarra na minha (Maradona mostra o vídeo do ator e comediante Miguel Falabella). E aqui eu tenho vários. O Leonardo ele fala como se estivesse dentro da pizzaria (mostra o vídeo do cantor sertanejo).

Está vendo ele falando que pode comer qualquer (pizza de) artista? Leonardo, Fagner, Safadão... Todo mundo, né? Entendeu? Então, eu tenho cem vídeos desses, coisa que ninguém tem. Por exemplo, eu precisei agora: a minha filha completou 15 anos, eu peguei e liguei para a Ana Maria Braga (apresentadora do Mais Você, programa matutino da Rede Globo) para ela mandar um “alô” para a minha filha (risos).

Fabrizio – Maradona, as pizzas têm nomes de famosos. Qual é a pizza que mais sai aqui?

Maradona – Rapaz, é uma briga aqui. Uma pizza que sai muito aqui é a do Safadão (Wesley Safadão, cantor cearense de forró) que é camarão com catupiry. Luiz Esteves, apresentador do CETV (telejornal do Sistema Verdes Mares, filiada da Rede Globo no Ceará), que tem carne do sol com queijo coalho.

Beatriz – Como é a pizza da Paola Oliveira (atriz da Rede Globo)?

Maradona – Paola Oliveira é rúcua com tomates secos. Tem o Bruno de Lucca (ator e apresentador), que é picanha. É engraçado que muitos clientes com a namorada vêm aqui e diz: “ih, eu vou comer a Paola”. Isso acontece no meio dos próprios artistas.

Sâmia – Como é a pizza do Dudu Azevedo (ator)?

Maradona – Lombo canadense com catupiry. Bruno de Luca é pizza de picanha. Sai muito, sai muito. Aqui é uma discussão. Ailton Graça (ator), que é frango com catupiry. Tem a Ivete Sangalo (cantora). Então, até as vezes eu sacaneio o cara: “Ei, cuidado ao comer a Ivete. Ela está com dois filhos na barriga” (Ivete deu à luz as gêmeas Helena e Marina em 10 de fevereiro de 2018, em pleno sábado de Carnaval). Entre os próprios artistas acontece essa brincadeira saudável, né? De falar...

Alexandre – Eles perguntam qual é que tá saindo mais?

“Eu só tenho estresse se eu não fizer relação (sexual), é o único estresse que eu tenho. Fora isso, tudo eu supero. Se eu não tiver tchan, eu fico irritado”

É comum Maradona confundir datas e números, até de aniversários ou do dia do casamento. Talvez por isso ele geralmente fale um intervalo (“entre ano tal e ano tal”) ou cite dois ou três valores (“1988, 1989”).

Levamos duas garrafinhas de água para Maradona. Entretanto, mesmo com nosso convite e insistência, ele não quis beber em nenhum momento.

Houve alguns momentos em que Maradona olhou e mexeu no celular. Porém, não comprometeu a entrevista, pois foram instantes curtos. Nenhum funcionário interrompeu a conversa para chamar o *pizzaiolo*.

Maradona – Perguntam. Tem aqui um vídeo aqui da própria Paola (mostra vídeo da Paola falando).

Ítalo – E como é essa escolha do que vem na pizza dos famosos?

Maradona – É eles. A pizza é criada por eles. Com exceção da do Chef Maradona, que é eu, eu que crio... E tem outros sabores que não têm aqui, tipo macarrão italiano, que é o William Bonner (telejornalista da Rede Globo).

Alexandre – Qual foi a primeira que você fez com nome de famoso?

Maradona – A primeira que fiz com nome de famoso foi do Thiaguinho. A gente já estava amigos quando comecei essa ideia, né? Eu vim começando dos artistas e na casa deles (perguntava): “O que é que tu gosta?”. A Xuxa, por exemplo, não come pizza. Ela come kalzone, que eu faço pra ela. Kalzone é como se fosse um rondedele, e eu faço. Eu sempre fiz isso só pra ela, com queijo branco e folhas. Ela não come carne. Então eu faço kalzone pra Xuxa. Eu cuido desde os oito, nove anos de idade da Sasha (filha da Xuxa). Eu sempre faço festa, os aniversários dela, todas essas coisas.

Sâmia – E como é esse convívio com os famosos? Você diz que tem o WhatsApp... Você convive com eles?

Maradona – sim, é como tô te dizendo, eu convivo com eles numa boa. Porque eu sou o Maradona do Faustão. E volto a dizer: quando eu sair do programa e não for mais o garçom do Faustão, quando os caras já sabem que não é mais, aí vai ter aquela distância, com certeza, de alguns. Que é natural isso, é nada indiferente. Pra isso, tenho o pé no chão o tempo todo. Eu sou dessas coisas. O próprio Fausto me fala: “Maradona, pé no chão, você sabe que um dia você tá aqui e noutro pode não estar”. E é uma bola de neve a vida: cê vai andando, as pessoas te veem bem por interesse, a maioria das pessoas... E eu tive agora recente um cara que no Instagram aqui mandou uma mensagem: “Ô, chef, eu sou o pica das galáxias em design de internet, posso te ajudar a fazer teu instagram, consertar os teus posts no Facebook?”. Beleza, pode. Segunda semana: “chef, você não poderia fazer um videozinho pra mim?”. Tá vendo? Então ele não queria fazer de graça, ele queria um vídeo pra ele. Não é assim.

Ítalo – Que tipo de vídeo?

Maradona – Recomendando ele. Ó, cê quer fazer algo de internet, faça do Joãozinho aqui. Vocês tão entendendo? Claro que não. Eu não faço nada pra ninguém, eu faço pra mim. Eu não posso pedir uma coisa que é de graça pros outros. É complicado isso aí. A

primeira coisa que ele vai dizer assim: “Pow, Maradona, fazer pra ti?”. Beleza, meu irmão. Mas fazer pros outros? Eu não ouvi isso aí deles nunca, porque eu nunca vou fazer.

Fabício – Quando começou a trabalhar no Faustão, você ainda tava fora do Rio. Como foi essa decisão de vir pra Fortaleza e continuar trabalhando no Faustão?

Maradona – Boa pergunta. É sacanagem! Estou brincando. Certo. Aí essa parte foi o seguinte: eu já tava no Faustão há um tempo e começou aquele quadro do Domingão do Faustão, que é o *Quem Chega Lá*, que é um quadro de humor. E, nessa época, eu conheci o Alex Nogueira (humorista de Fortaleza que venceu o quadro *Quem Chega Lá*). O Alex Nogueira, por ser um cara muito inteligente, um cara que pensa muito, um empreendedor, ele chegou pra mim e falou pra mim, conversando comigo: “Maradona, por que a gente não pode levar a pizza dos artistas pra Fortaleza? Para que as pessoas possam conhecer essa pizza do Faustão, que os artistas tanto gostam...”. E eu dizia pra ele que não queria. Eu achava que não era legal, que não iria ser bacana, né? Aí ele falou: “Cara, pensa aí. Vamo amadurecer essa ideia, beleza?” Aí se passou, já estava próximo de terminar o quadro, e o Alex estava passando para frente. Aí, eu falei: “Vamo fazer, então. Vamo montar”. Aí ele falou: “Como é que tu faz?”. “Vamo fazer o seguinte: eu vou (a Fortaleza) de quinze em quinze dias e fico no salão uma semana. Chego na segunda, na sexta volto pro Rio. E fico no salão com os clientes para conhecerem o Maradona, tirar foto”. Isso é coisa que tira muita foto. “E qual seria a parceria?” “Bom, eu vou entrar na sociedade contigo da seguinte forma: eu vou, eu faço a massa, não ensino pra ninguém, eu faço a massa, podem explorar minha imagem, né, do Maradona do Faustão”. Que queira ou não, mesmo eu sem querer, acabo sendo um artista da televisão. Não é porque eu queira, ali é meu trabalho, mas por eu estar sempre na tela, o cara está sempre falando de mim e eu aparecendo e ele falando comigo, essas coisas. Então, acaba que eu sou um garçom-artista, pronto. Vamos lá dizer, como as pessoas dizem pra mim, isso não é coisa minha, não, que eu gosto disso não, né? Aí acertei com o Alex, falei que pegaria dez por cento do faturamento bruto da empresa, e eles pagavam estadia mais passagem pra mim, ida e volta. E assim, eu acertei e abri o *Chão de Estrelas*, que é lá na Seis Bocas (bairro na região sul de Fortaleza), que ficou durante seis anos a gente nessa parceria. Depois acabou saindo. Porque os

Em um dado momento, Ítalo abriu um pacote de biscoito recheado, compartilhando-o em seguida com Sâmia e outros colegas. Alexandre não aceitou, pois evita esse tipo de alimento.



Depois das 17h30min, os entrevistadores começaram a sofrer com a pouca luz. Escureceu rapidamente e no local havia poucas lâmpadas, dispostas na parede, sendo todas de baixa luminosidade.

outros sócios lá começaram a avacalhar com a qualidade dos produtos. Lá na televisão, eu mostrando uma coisa, e os caras aqui destruindo. Que para construir é bem mais difícil que para destruir. Aí eu peguei e saí. Aí já tava casado aqui, e (eu e minha esposa) montamos a pizzaria *Chef Maradona*. Que foi quando vim aqui pra Fortaleza, né? A coisa de vir pra cá. Mas eu tinha andado aqui em Fortaleza em dezembro de 1980, que foi na época do dia 18 ou 28, no dia que foi assassinado do John Lennon (o assassinato do cantor britânico ocorreu em 8 de dezembro de 1980). Eu lembro pela morte do John Lennon, foi o dia que mataram o John Lennon, foi a última vez que eu estive em Fortaleza.

Alexandre – Seu *buffet* foi seu primeiro empreendimento, né?

Maradona – Não, não, não. Meu *buffet*, o *Buffet Maradona*...

Alexandre – Como foi a experiência de montar o próprio empreendimento?

Maradona – Pra mim, foi legal porque, assim, eu abri uma coisa que eu ia trabalhar pros artistas, né? Lógico que trabalho para pessoas que não são artistas, para pessoas que têm dinheiro, né? Mas a intenção sempre foi pegar os artistas, fazer festa na casa dos artistas, tranquilo. Depois de dois anos que tinha o *Buffet Maradona*, eu abri a *Padaria Sua Vitória*, lá em Nova Iguaçu (na Região Metropolitana do Rio de Janeiro). Abri a padaria. Aconteceu o lance do Alex logo em seguida, para eu montar esse negócio do

restaurante, aqui em Fortaleza, o *Chão de Estrelas*. E, depois do *Chão de Estrelas*, nós fomos para Brasília, em Águas Claras, tem a *Pizzaria das Estrelas*, embaixo do Hotel S4. Tem lá. Eu sou sócio. Também entrei numa sociedade do *Chão de Estrelas* lá de Brasília também, fiquei um ano e pouco, não deu certo também, peguei e debandei. Aí montei aqui a pizzaria *fast delivery* e também o *buffet* que é aqui, em Fortaleza. O *buffet*, aqui, possivelmente não pega. Noventa por cento de chance de não pegar, porque as pessoas aqui gostam de moleza, elas não gostam de gastar, elas gostam de *status*, entendeu? E esse *status* eu não dou. O artista é o seguinte: pra ele vir aqui, na pizzaria, eu tenho uma regra, eu convido os artistas pra vir. Sexta-feira agora, teve aqui o Batista Lima, do Rio Grande do Norte. Veio jantar aqui na pizzaria ele e o coronel Albano. E o artista chega aqui, ele não paga a primeira vez que ele vem aqui. Ele não paga, uma regra, porque eu convidei. A segunda vez ele já paga normal como qualquer outro cliente, ele não é diferente de ninguém. Ele só não paga quando eu convido, e se for fazer na casa deles, paga todo mundo. Eu fiz agora recente, na casa do (cantor Wesley) Safadão, o aniversário do sobrinho dele, né? Que é filho do Átila. Aí as pessoas foi de graça? Por que de graça? Não vejo motivo pra fazer nada pra ele de graça, né? Cansaram? (pergunta ao grupo de alunos).

Ítalo – A gente tá se encaminhando quase pro final, mas, antes de passar mais

O clima estava monótono durante a entrevista, mas isso mudou depois que Maradona começou a falar dos famosos, tendo o WhatsApp de mais de 100 em seu celular, além de mostrar vídeos e fotos do Instagram.

E por falar em redes sociais, Maradona sabe fazer bom uso dela para publicidade. Regularmente posta fotos ou vídeos com famosos. Não apenas atores da Rede Globo, mas também cantores e jogadores de futebol.

“Queira ou não, mesmo eu sem querer, acabo sendo um artista da televisão. Não é porque eu queira, ali é meu trabalho, mas por eu estar sempre na tela”



pro seus negócios, queria fazer uma pergunta em relação a pessoas famosas e a relacionamentos. Como é o teu relacionamento com o Faustão?

Maradona – Profissional. eu não misturo, eu trabalho para ele. É igual você ser casado, ter tua mulher e não viver com ela no casamento, viver na putaria. Não. Ele é trabalho. Ele gosta, defende a gente como profissional. Ele gosta, ele gosta desgostando. Quem tem dinheiro não gosta das pessoas, eles gostam de profissionais, porque a maioria das pessoas que se encostam neles são interesseiras. A maioria são interesseiras. São poucas as pessoas que trabalham com caras assim. Eu costumo dizer isso. Até eu e o Pedro, que é o mordomo dele, a gente vê os caras que trabalham lá, a gente sabe que a maioria ali não é amigo do seu Fausto, gosta dele porque tem dinheiro e querem se aproveitar de alguma forma. Nós não. Eu gosto dele, da pessoa dele, independentemente de me dar alguma coisa ou não, eu gosto da pessoa do Faustão.

Alexandre – Vocês costumam conversar antes do programa, manter algum contato?

Maradona – Pouco. Porque vou voltar a dizer: o cara que tem dinheiro, ele tá em outro patamar. Ele não tá na casa (no patamar) de rico, ele tá na de milionário. Um cara que ganha milhões. Então, esses caras te observam o tempo inteiro, até onde vai teu grau de intimidade, de ser um cara en-

trão, eles não gostam. O cara que tem dinheiro não gosta de estar dando informação pra ninguém, são na dele. Ele precisa de uma coisa, “faz isso pra mim”. O cara vai lá e faz, não fica de papo. Ele tem os amigos dele particular, (que são) os cara que têm dinheiro, os presidentes da Nestlé, do Bradesco, esses são os amigos dele. Porque os caras estão no patamar dele. Estão embaixo dele, mas estão ali debaixo com uma forquilha bem segura, que têm dinheiro, têm muito. A gente trabalha, a gente é empregado, não pode misturar.

Larissa – Maradona, voltando a essa parte dos seus negócios, vejo que você fala muito na questão da sua imagem, vender valores, não vender só pizza. De onde é que vem, como é que você explica essa noção que você tem de marketing tão forte?

Maradona – Eu criei a *Pizzaria Chef Maradona*, a verdadeira Pizza das Estrelas. Então, automaticamente, eu tenho que estar ligado a quem? Às estrelas, aos artistas, então eu tenho sempre que estar buscando trazer quem na pizzaria? Estrelas. Que é pra, quando você chegar na pizzaria do Maradona, você vai dizer: “Olha lá, rapaz, eu vi o (cantor) Batista Lima, eu vi o (jornalista cearense) Luiz Esteves lá na pizzaria do Maradona”. Na tua cabeça, tu vai pensar assim depois, ao teu marido, ao teu namorado, à tua mãe, ao teu pai, você vai dizer: “Mãe, por isso que lá é a pizzaria das estrelas, porque a gente chega lá

Depois da entrevista foi realizada uma reunião de avaliação. Já era noite e a turma ficou preocupada com a volta pra casa, tendo em vista que alguns moram muito longe.

e a gente vê artistas". É isso. Então eu tenho que buscar essa ligação o tempo todo, para que não fique só sendo a pizza do Maradona e os artistas sumam. Eles têm que estar presente, o tempo inteiro. Eu fiz ontem um vídeo. Deixa eu ver aqui... Deixa eu achar aqui... Aqui (mostra um vídeo).

Italo – Quem é esse cara?

Maradona – Rainer Cadete (ator que, em 2016, participou do quadro Dança dos Famosos, do Domingão do Faustão). Então eu tenho que estar sempre com isso, para que as pessoas se associem a ela. A pizzaria realmente é das estrelas. Pode, a qualquer momento, vocês chegarem aqui e tu encontrar um artista. Essa semana agora, aqui, eu até convidei pra vir aqui hoje, mas ele não vai poder vir, que é o Dorgival (Dantas, potiguar que despontou como cantor e compositor de músicas de forró no cenário cearense). Dorgival é um compositor, é um artista. É artista, não adianta. O cara é cachaceiro, é "não sei o quê", mas o cara é um artista, é um compositor famoso no país, que as pessoas conhecem. Ele não é diferente de outros artistas, ele só não aparece tanto, mas é um cara de renome. Inclusive, ele esteve no domingo. A gente gravou com ele agora sábado no programa (do Faustão) para janeiro. No primeiro programa de janeiro, vai estar o Dorgival. E eu conversando aqui com ele no WhatsApp, ele falou: "Maradona, eu não vou poder ir hoje, porque eu cheguei da Europa e esse negócio do programa, tô com umas coisas aqui enroladas. Mas, ao longo da semana, a gente pode ir desenrolando". Então é sempre ligar a pizza aos artistas.

Italo – Maradona, quais são as habilidades que você acha necessárias e que te fizeram chegar aonde tu chegou?

Maradona – Ser prático, não derrubar ninguém, não passar por cima de ninguém, entendeu? Ser você o tempo todo. O que eu quero dizer eu digo aqui. A minha mulher briga muito comigo, porque, às vezes, eu quero chamar atenção do funcionário com o que ele faz errado aqui. Eu já chego, eu não tenho a paciência de esperar terminar e

“O artista (...) não paga a primeira vez. (...) A segunda vez ele já paga como qualquer outro cliente, ele não é diferente de ninguém”



Esta foi a mais curta entrevista: durou 1h e 46min, contando a partir da primeira pergunta. Até o Maradona achou estranho, devido à previsão inicial que havíamos lido, de 2h30min.

Por fatores diversos, a equipe de produção precisou fazer a grande maioria das perguntas durante essa entrevista. Alguns da turma se queixaram da iluminação, da fome ou de outros motivos.

Robson, preocupado com a volta para casa de Sâmia e Fabrício, que moram em bairros diferentes e ainda estavam resolvendo o transporte, comprou uma corrida pelo aplicativo 99POP para deixá-los em seus respectivos endereços.

chamar ele ali, no canto, e dizer “oh, tá assim e assim”, não. Eu chego é na frente de todo mundo, aonde eu chegar, onde eu ver ele, é um *start*. Liga, liga o automático. Eu digo o que tá acontecendo, o que gosto e o que eu não gosto. E eu também deixo o cara falar, sem dúvida, né só eu falar, entendeu? Então eu não tenho essa paciência de esperar. Eu vi o cara, se eu tenho o que dizer, eu digo. Eu não digo nada de ninguém por trás. Quem gostar? Beleza. Quem não gostou, paciência. Sou meio que um cara mal amado com as pessoas, entendeu? Principalmente na minha profissão de garçom. Eu acredito que de cada dez (pessoas), cinco ou seis não gostam do Maradona do Faustão. Por eu ser o Maradona do Faustão, as pessoas são muito, tem muito... Já cheguei, tem muita gente a dizer: “Pô, queria tanto estar lá, no teu lugar”. Beleza, vai pra lá, jovem, pode ir lá. Pega lá uma passagem pra São Paulo e pede lá pra ficar trabalhando no meu lugar, diz que vai. O ser humano tem muito dessas coisas, são poucas as pessoas... Eu costumo dizer aqui pras pessoas que a gente podia ajudar mais as pessoas. É como eu disse pra vocês, que eu não faço questão de nada. O que eu gosto muito? É de mulher e de comer. De churrascaria e de mulher. Dinheiro eu quero assim, pra poder pagar as minhas contas, pra ir ali, eu posso. Não pra passar por cima de ninguém. Se eu puder ajudar, eu ajudo. Atrasar? Jamais eu vou atrasar alguém, não é da minha índole e nunca vai ser, entendeu? Eu acho que é muito bom quando você faz alguma coisa por alguém. A satisfação é muito grande quando você ajuda alguém e eu gosto dessa coisa. Isso é de mim. Até porque eu tenho histórico, né? Passei por isso de precisar e alguém me ajudar.

Sâmia – Como é que você enxerga o trabalho? Por que é uma coisa que tá presente na sua vida desde muito cedo...

Maradona – Enxergo natural. Porque, assim, eu tô fazendo uma coisa que eu tenho o maior prazer do mundo. De atender as pessoas lá fora, de zoar, de brincar. Aquilo ali é meu prazer. Aquele mundo de atender o cliente é meu mundo. Ali é onde eu tenho tesão de estar, prazer de fazer com amor e bem feito, entendeu?

Alexandre – Quais seus planos? Tá muito na franquía agora? Você disse.

Maradona – Plano agora de tentar montar a franquía da *Pizzaria Chef Maradona*. Têm umas duas propostas aí, vamo esperar. Entendeu? Pra acontecer, né? Então é esperar as coisas acontecerem naturalmente. Nada vem fácil. Como eu

disse, a história lá de Crateús, quando eu ia pras festas pra ficar lá esperando terminar pra poder ajudar lá no clube do pai do Afiro. Todas essas coisas. Eu só tenho a revolta de uma coisa: é só de dentista que eu tenho raiva. Na época que eu era moleque, um dente ficava com qualquer coisinha, o dentista não tinha que obturar, ele arrancava. Era diferente de hoje, que a maioria dos dentes eles arrancava tudo, esses filhos da puta. Mas tudo bem, foda-se.

Ítalo – Maradona, conversando contigo, eu percebi que tu vive em três situações diferentes: primeira é servir ao Faustão, né? Que você vai lá servir as pessoas que estão lá e o próprio Faustão. A segunda é as pessoas que te contratam pra tu ir cozinhar para elas nas festas. E a terceira é tu ficar na frente da tua pizzaria convidando as pessoas que estão passando para comer aqui. Como você avalia o contato com o cliente nesses diferentes momentos?

Maradona – Eu acho eles todos iguais. É diferente, assim, a única diferença é que aqui eu tenho que chamar, né, convidar as pessoas. Mas o atendimento para todos é igual. Tanto pra quem é milionário, o mesmo estilo de trabalho que sirvo pro Fausto, eu sirvo pro meu cliente da pizzaria, porque o profissional, ele é profissional em qualquer lugar. Ele não pode ser profissional aqui e ali ele ser meio profissional e ali ele ser um aprendiz. Ou ele é um profissional, ou ele é um zé bundão, um dos dois. O estilo de trabalho que eu faço é igual. Lógico que, assim, qual é a diferença? O atendimento é igual. A única coisa que muda um pouco são os tipos de brincadeiras, né? São mais restritas lá. Com ele (Faustão) presente, o cliente lá e o artista lá e os meus clientes aqui da minha pizzaria. Porque aqui eu respondo pela minha pizzaria, né? Lá, o cara que me contrata, eu faço alguma coisa diferente com o convidado dele, ele vai se ofender. É diferente. Então essas são as diferenças, mas o estilo de profissional, de atendimento é igual pra todo mundo. Só a sacanagem que muda.

Alexandre – O senhor pensa em voltar a morar no Rio de Janeiro algum dia?

Maradona – Só se a minha mulher quiser. Se ela quiser, eu mudo amanhã pra lá. Se ela quiser, eu tô aqui. Eu estando com ela, meu filho, eu estando pegando ela, nem quero saber do resto, não. Pego em qualquer lugar. Mas morar eu gosto do Rio. É bom.

Heloísa – E quais são as suas expectativas pro futuro?

Maradona – O futuro é o agora. Eu sempre digo isso pra todo mundo. Eu não tenho esse negócio de futuro. Não sei se daqui a pouco eu morro, amanhã, depois, daqui a 20 anos,

Alexandre, Larissa e Andressa voltaram de carona com o Robson até o Benfica. De lá, Alexandre deu carona para Larissa até próximo de casa.

30 anos. As pessoas criam uma expectativa de uma coisa que não têm certeza. Tem que criar expectativa daquilo que tu tem certeza, você vai lutar. Eu vou lutar pra conseguir pegar essa árvore. Aí tudo bem, mas de vida ninguém tem. Impossível.

Fabrizio – Viajar toda semana para gravar o programa do Faustão... As viagens de avião te estressam? Qual a sua relação com o avião?

Maradona – Eu só tenho estresse se eu não fizer relação (sexual), é o único estresse que eu tenho. Fora isso, tudo eu supero. Se eu não tiver *tchan* (fizer sexo), eu fico irritado, fico de um mau humor que não saio nem de dentro de casa. É a única hora que sou mal-humorado, de verdade, dou patada em todo mundo.

Ítalo – Maradona, você fala muito de mulher, de mulher, de mulher, de mulher...

Maradona – Eu só tenho a minha.

Ítalo – O que ela acha disso?

Maradona – Ela sabe que eu amo, ela sabe que eu amo ela. Ela sabe que eu larguei um casamento de 20 anos que era perfeito pra ficar com ela. Porque ninguém faz isso se não gostar de uma mais do que da outra. Impossível. Principalmente num casamento que era perfeito. Para minha ex-mulher, era Deus no céu e eu na Terra, entendeu? Eu nunca gostei de discussão, briga, essas coisas, agressão. Eu sou muito a favor da mulher. Eu acho que uma mulher que leva uma porrada de homem, se morar com ele, de noite ela tinha que matar ele, na boa. De coração. Eu queria ter sido mulher pra isso, porque mulher que menstrua, mu-

lher que engravida, mulher que faz tudo. E ainda vem um filho da puta lá da puta que pariu pra dar porrada nela. Covardia demais. Eu gosto muito de ver, saber coisas de mulher, eu sou quase uma mulher em formato de homem. Mas é verdade, isso não é... A mulher é um troço muito cheio de mistério. Agora é o homem que tem que tentar descobrir essas coisas, saber entender. É difícil, difícil pra caralho, é difícil ser mulher. Por que a gente é bruto. Na hora que quer comer, quer comer... Não quer saber se tá morrendo, se tá.. Porque a gente é um animal. O homem é um animal. Até às vezes num resfriado que a gente tem, a gente que é homem, eu fico de cama. Eu fico um babaca. Eu com resfriado, fico um babaca dentro de casa, para morrer. E a mulher fica para morrer, sente dor, com dores nas costas, vai trabalhar, faz isso, faz aquilo. Heroína, a mulher é uma heroína. Eu tenho isso comigo.

“Eu gosto muito de ver, saber coisas de mulher, eu sou quase uma mulher em formato de homem. (...) A mulher é um troço muito cheio de mistério”

Nossa fotógrafa, Grazielly Sousa, estudante do 6º semestre, fez de tudo para garantir a qualidade das imagens: deitou na areia para obter bons ângulos, fez um bom trabalho de seleção das fotos e ainda editou o material.



Durante a edição da revista, foi preciso retomar contato com o Maradona para ele explicar certos termos ou fatos que relatou durante a entrevista coletiva, como a expressão “cartãozeiro”.